

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

CLAUDIO HENRIQUE LIRA DA SILVA

VIVENDO PRÁTICAS ARTÍSTICAS:
oficinas arte-educativas como experiências de artisticidade,
diversidade cultural e pertencimento

São Paulo

2024

CLAUDIO HENRIQUE LIRA DA SILVA

**VIVENDO PRÁTICAS ARTÍSTICAS:
oficinas arte-educativas como experiências de artisticidade,
diversidade cultural e pertencimento**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Arte e Educação.

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientador: Prof. Dr. Wladimir Farto Contesini de Mattos.

São Paulo

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586v Silva, Cláudio Henrique Lira da, 1991-

Vivendo práticas artísticas : oficinas arte-educativas como experiências de artisticidade, diversidade cultural e pertencimento / Cláudio Henrique Lira da Silva. -- São Paulo, 2024.
55 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Wladimir Farto Contesini de Mattos.

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Direitos humanos na arte. 3. Antirracismo. 4. Brasil - Cultura popular. 5. Multiculturalismo. I. Mattos, Wladimir Farto Contesini de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

CLAUDIO HENRIQUE LIRA DA SILVA

**VIVENDO PRÁTICAS ARTÍSTICAS:
oficinas arte-educativas como experiências de artisticidade,
diversidade cultural e pertencimento**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Dissertação aprovada em 3 de abril de 2024.

Banca examinadora

Prof. Dr. Wladimir Farto Contesini de Mattos

Instituto de Artes da Unesp – Orientador

Profa. Dra. Carminda Mendes André

Instituto de Artes da Unesp

Profa. Dra. Elisa Zaneratto Rosa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP

Aos artistas invisíveis de todos os dias, que no
sensível dos encontros humanizados, viverão na
memória dos afetos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, o "mestre Lira", cuja força, mesmo após a vida, segue me erguendo de toda dificuldade.

À minha mãe Vera e ao meu irmão Cleber, que ampliam a força de nossa família, sustentando comigo meus sonhos e realidades.

Ao Lucas, pelo companheirismo e afetos que se firmam todos os dias, mesmo com as horas e quilômetros de distância.

Aos amigos Thamires Miranda, Fábio Jobim e Gabriela Barros, que voluntariamente vivem ao meu lado o doce e o amargo da vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Wladimir Mattos, pela generosidade em toda minha trajetória como mestrando.

Aos colegas do grupo de pesquisa N'Me (Núcleo de Estudos Metodologias de Pesquisa em Arte), por materializarem um canto no mundo para o enriquecimento de minhas vivências como mestrando.

Gratidão imensa a esses aqui mencionados e a todos aqueles que aqui não estão ditos, pelo apoio e trocas cheias de afetividade.

AXÉ!

RESUMO

A seguinte pesquisa delimita a potência artística em oficinas arte-educativas, proporcionadas em espaços públicos no território da Capela do Socorro, zona sul da cidade de São Paulo, entre 2019 a 2023, interagindo com conteúdos da Cultura Popular Brasileira e de Direitos Humanos, através de condutas antirracistas e inclusivas. A cartografia com seus postulados (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) e perspectivas decoloniais antirracistas (Fanon, 2022) compõem as condutas de pesquisa do pesquisador/psicólogo/artista/artes-educador, compreendendo o desenvolvimento da Artisticidade, Pertencimento e Diversidade Cultural, como conceitos teóricos-alicerces delimitados no percurso de pesquisa em Artes, evidenciando as propostas arte-educativas, em relatos e ensaios teórico-narrativos, extraídos da trajetória do pesquisador, que como psicólogo em serviços públicos de Saúde, ressaltou-se como arte-educador para abordar as demandas de cuidado e garantia de direitos delimitadas. Nesse sentido, observa-se que o enfrentamento a posturas eurocentralizadas, insurge na produção artística das oficinas e da convivência nelas experienciada, tornando-se subsídios para aprofundar potencialidades do fazer em Artes para finalidades, como promoção de saúde, Cidadania Cultural e fomento a elaboração de políticas públicas intersetoriais. Por meio das experiências arte-educativas delimitadas, oriundas de oficinas expressivas, com recursos visuais e corporais, buscou-se produzir leituras sobre os impactos dos agenciamentos descritos, suas perspectivas decolonizantes, que subvertem dominações epistemológicas, para favorecer fruição de conhecimento e cultura popular territorializada, e assim abrir caminhos para conceituações sobre possibilidades interculturais. Pela valorização de grupalidades em Arte-Educação, alinhadas aos postulados dos Direitos Humanos, evidenciou-se a importância de consolidar e perpetuar práticas artísticas em oficinas arte-educativas, que tornam visíveis os processos de Pertencimento, que envolvem afetividade e militância a favor dos grupos sociais historicamente marginalizados, interagindo com o fortalecimento de reflexões sobre políticas públicas sociais, que centralizam as Artes como vias possíveis para efetividade de garantia de direitos.

Palavras-chave: oficinas arte-educativas; artisticidade; diversidade cultural; pertencimento.

ABSTRACT

The following research delimits artistic power in art-educational workshops provided in public spaces in the territory of Capela do Socorro, southern zone of the city of São Paulo, between 2019 and 2023, interacting with contents of Brazilian Popular Culture and Human Rights, through anti-racist and inclusive conducts. The cartography with its postulates (Passos; Katrup; Escóssia, 2009) and antiracist decolonial perspectives (Fanon, 2022) compose the research conducts of the researcher/psychologist/artist/art-educator, understanding the development of Artisticity, Belonging, and Cultural Diversity, as theoretical-conceptual foundations delimited in the research journey in Arts, highlighting the art-educational proposals, in theoretical-narrative reports and essays, extracted from the researcher's trajectory, who as a psychologist in public Health services, stood out as an art-educator to address the delimited care demands and rights assurance. In this sense, it is observed that the confrontation with Eurocentric stances emerges in the artistic production of the workshops and the experience lived within them, becoming subsidies to deepen the potentialities of art-making for purposes such as health promotion, Cultural Citizenship, and fostering the development of intersectoral public policies. Through the delimited art-educational experiences, originating from expressive workshops, with visual and bodily resources, the aim was to produce readings on the impacts of the described agencies, their decolonizing perspectives, which subvert epistemological dominations, to favor the enjoyment of knowledge and territorially localized popular culture, and thus open paths for conceptualizations about possibilities of interculturality. Through the valorization of group dynamics in Art Education, aligned with the postulates of Human Rights, the importance of consolidating and perpetuating artistic practices in art-educational workshops was evidenced, which make visible the processes of Belonging, involving affectivity and activism in favor of historically marginalized social groups, interacting with the strengthening of reflections on social public policies, which centralize the Arts as possible avenues for effectively ensuring rights.

Keywords: art-educational workshops; artisticity; cultural diversity; belonging.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA	17
3 ENSAIO 01 - OFICINAS ARTE-EDUCATIVAS	23
4 ENSAIO 02 - ARTISTICIDADE	29
5 ENSAIO 03 - DIVERSIDADE CULTURAL	37
6 ENSAIO 04 - PERTENCIMENTO	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	54

1 INTRODUÇÃO

Para introduzir os caminhos e reflexões, presentes no seguinte processo de pesquisa, e para chegar aos resultados e considerações finais, derivados dos percursos e interlocuções importantes para produção de conhecimento, atenta às especificidades dos campos de pesquisa e às interações entre o pesquisador, as temáticas abordadas e suas narrativas, como base para o desenvolvimento da pesquisa, anuncia-se aqui que narrar as vivências será o convite para caminhar com os leitores interessados.

Assim, começo trazendo minha trajetória profissional e acadêmica. Observo que há envolvimento com as Artes e os Direitos Humanos desde os anos 2000, com meu mergulho no universo da Dança, ingressando no Projeto Joanelha, oferecido pelo Ballet Stagium, como iniciativa sociocultural voltada para crianças e jovens, estudantes da rede pública de ensino do município de São Paulo. Minha permanência no Joanelha se deu até o ano de 2008, no qual deixo de ser um integrante-bailarino para seguir meus caminhos acadêmicos, imbuído de um chamado me tornar um trabalhador da Saúde Mental, consciente da primeira etapa a seguir: a graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP.

No processo da graduação, como bolsista do Programa Universidade para Todos - PROUni, me dediquei com entusiasmo nas produções acadêmicas na Psicologia e Saúde Mental, participando de coletivos de monitoria de disciplinas psicológicas, comissões estudantis para refletir e viver a vida acadêmico-universitária. Entre 2013 a 2015, desenvolvi duas pesquisas de iniciação científica, voltadas às áreas da História do Ensino da Psicologia em São Paulo e História da Saúde Mental no Brasil, contando também com estágios nos campos Educação, Saúde Mental e Direitos Humanos, todos em serviços públicos paulistanos.

Como trabalho de conclusão de curso desenvolvi pesquisa sobre o programa federal de combate a mortalidade da juventude preta, o Juventude Viva, em perspectiva analítico-comportamental para promoção da Cultura de Paz. Em 2016, este trabalho resultou em um artigo premiado no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, pela Premiação Marcus Vinicius e Direitos Humanos, com a publicação do artigo em livro comemorativo.

Após o desenvolvimento de produções acadêmicas, respaldadas pela PUC-SP enquanto instituição universitária, segui trajetória formativa-profissional na Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental - AUPPF, e no Aprimoramento Multiprofissional em Saúde Mental, atividades ocorridas entre 2016 a 2017. O Aprimoramento, enquanto pós graduação com experiência profissional, foi oferecido pela

Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, no Centro de Atenção Psicossocial Adulto II (CAPS) Professor Luís da Rocha Cerqueira, vulgo CAPS Itapeva.

Estruturado pela intersetorialidade, em 2017 me torno psicólogo na composição da equipe técnica do serviço de acolhimento institucional para famílias em situação de rua e vulnerabilidade social "Autonomia em Foco - Bom Retiro", localizados nas mediações do centro paulistano antigo, deteriorado e extremamente demandante de políticas públicas de Saúde Mental e Desenvolvimento Social, em função dos diversos e povoados fluxos das chamadas "cracolândias".

Nessa perspectiva, ingresso na especialização *latu sensu* em Gestão de Projetos Culturais, do Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura - CELACC/USP, onde desenvolvo reflexões e formação voltada a pensar a Arte Contemporânea Brasileira e os Direitos Culturais como tecnologias participativas e eficazes para processos intersetoriais nas políticas públicas. Assim, para conclusão do curso, desenvolvi pesquisa para produção de artigo científico, intitulado "Viviendo la interculturalidad latinoamericana: resistência, artes do corpo e comunicação", buscando, em linhas gerais, dissertar sobre as possibilidades de interculturalidade latino-americana entre coletivos de Artes do Corpo, evidenciando suas experiências como agentes fomentadores do desenvolvimento de seus territórios. Os coletivos pesquisados foram Treme Terra - São Paulo/Brasil; Escuela de Teatro Político - Buenos Aires/Argentina; Sankofa Danzafro - Medellín/Colômbia.

Nesse sentido, busquei ampliação do processo de pesquisa na continuidade das pesquisas em regime *stricto sensu*, pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de São Paulo (IA - UNESP), desenvolvendo projeto de mestrado acadêmico, nomeado "Viviendo la Interculturalidad Latinoamericana: Análise da produção de coletivos de Artes do Corpo latino-americanos e seus impactos no desenvolvimento social pela interculturalidade". A princípio, a criação de uma plataforma digital e a produção audiovisual de um documentário sobre e para coletivos de Artes do Corpo Latinoamericanos foram os objetivos de pesquisa propostos, para evidenciar encontros teórico-vivenciais possíveis sobre a construção e fomento da Interculturalidade Latinoamericana.

Entretanto, em decorrência dos protocolos de biossegurança durante a pandemia de COVID-19, não foi possível organizar viagens pelo território latinoamericano e o contato com os coletivos também se restringiu, sendo impossibilitado devido a necessidade de encontros presenciais para efetivar as produções prevista no projeto de pesquisa.

Nesse cenário, as atividades relacionadas ao mestrado acadêmico em Arte-Educação do IA - UNESP foram desenvolvidas de forma remota, em encontros virtuais. Destacam-se os encontros do N'Me - Núcleo de Estudos de Metodologias de Pesquisa em Artes, com suas produções coletivas, envolvendo leituras, contato com as trajetórias dos pesquisadores, participação nos Colóquios de Artecompostagem¹, intensa referenciação na epistemologia esquizoanalítica² e valorização do compartilhamento composto de práticas artísticas, para evidenciar caminhos de pesquisa alternativos, visto que haveria obstáculos gigantescos para a realização do projeto original em contexto pandêmico.

Paralelo ao processo de mestrado no IA - UNESP, mantive minha atuação como psicólogo no território de Capela do Socorro, na região da zona Sul da cidade de São Paulo. Este vínculo se estende até os dias atuais, iniciando em 2019. A partir das restrições pandêmicas, as atividades intersetoriais e interdisciplinares desenvolvidas em minha atuação como profissional especializado em Saúde Mental no SUS tornaram-se oportunidades de apoio aos trabalhadores na manutenção de suas práticas profissionais e seguiram ofertadas à população de forma adaptada. Vale ressaltar que este contexto de atendimento, grupos terapêuticos e oficinas arte-educativas vai se tornando o campo de produção de conhecimento no meu processo de mestrado, uma vez que não foi possível desenvolver o projeto inicial e já havia uma certa interculturalidade nas práticas artísticas e terapêuticas, desenvolvidas na minha atuação profissional como psicólogo.

Assim, ao longo dos primeiros semestres de pesquisa, vinculada ao IA - UNESP, foi possível contar com um importante histórico de vivências arteterapêuticas, com intensa mobilização sócio-emocional, e definiu-se que, mesmo com grandes elaborações vividas com profissionais de saúde nos processos arteterapêuticos, os usuários dos serviços de saúde do território de Capela do Socorro e da rede intersetorial de serviços seriam o público alvo da pesquisa.

Com o avançar das pesquisas imunológicas globais, como a produção de vacinas contra a COVID-19, no final do segundo semestre de 2022, houve afrouxamentos nas medidas de biossegurança para a pandemia e pressões político-econômicas capitalistas para uma grande retomada das atividades presenciais. Esse foi o cenário de retomada do desenvolvimento das práticas em grupos para os usuários dos serviços de saúde pública, utilizando recursos pedagógicos e arte-terapêuticos.

¹ Colóquio Artecompostagem - Iniciativa intelectual e cultural do N'Me/IA - UNESP, que ocorre semestralmente.

² Referenciação aos estudos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

As práticas coletivas em oficinas expressivas arte-educativas compõem a oferta de atendimentos nas políticas públicas brasileiras como propostas de humanização do cuidado, tanto na Saúde quanto no Desenvolvimento Social, áreas essas que são o campo da minha atuação profissional. Nessa orientação de humanização e valorização das tecnologias leves, otimiza-se e amplia-se o acesso e garantia de direitos às políticas públicas.

Mesmo em contexto pandêmico, o trabalho para o atendimento especializado em Saúde Mental para a população do território de Capela do Socorro e as adaptações aos processos de pesquisa, como mestrando no IA - UNESP, continuaram se entrelaçando e revelando como um caminho de reconciliação entre a minha experiência profissional e o desenvolvimento de trajetórias acadêmicas mais diversas e intersetoriais.

Trocando em miúdos, reorganizar trajetórias nas Artes para seguir com a aplicação dos conhecimentos que adquiri em minha trajetória formativa não se tratou apenas de trabalhar paradigmas humanizados e ampliados. Há aqui narrativas de um corpo trabalhador de políticas públicas que foi se esgarçando ao longo do tempo, por conta da precariedade e sucateamento das estruturas institucionais, considerando dinâmicas políticas da conjuntura governamental, ocorrências de violência física e verbal, atendimentos a desigualdade social com recursos escassos e impasses em ampliar pensamento crítico para as demandas dos atendimentos.

Nessas reflexões, o processo de adoecimento de minha Saúde Mental, enquanto trabalhador, me reconectou às práticas artísticas, me resgatou da paralisação e sentimentos de impotência. Busquei formas institucionalizadas de abarcar desejos por transformações profissionais e necessidades de qualidade de vida como trabalhador, detentor apenas de minha própria força de trabalho e do conhecimento acadêmico, adquirido e latente por contextos de fruição e trocas.

Nesta encruzilhada, na qual se encontra minhas vivências como trabalhador de políticas públicas no território da Capela do Socorro e minha trajetória como pesquisador mestrando em Artes, abracei a oportunidade de sistematizar, realizar e refletir práticas arte-educativas em Saúde Mental e evidenciar fazeres artísticos em expressões gráficas e corporais, para a consolidação de um novo paradigma de pesquisa para meu processo de pesquisa acadêmica: *abordar o potencial artístico delimitado em oficinas arte-educativas com usuários da rede de serviços públicos, gerado por meio de práticas de expressão gráfica e corporal, no território de Capela do Socorro, como fluxos de produção de Pertencimento, valorização de Diversidade Cultural e efetivação da Artisticidade.*

Ao vislumbrar essa possibilidade intersetorial e transdisciplinar, entre Arte e Saúde, academia e mundo do trabalho, percebi que tinha em mãos não só uma possibilidade de amadurecimento pessoal, resignificando os percalços de minha trajetória profissional e formativa, mas também foram evidenciados caminhos possíveis para desenvolver processos de pesquisa em Artes que por si só já estava acontecendo, emergidos devido desenvolvimento da pesquisa em metodologia científica cartográfica.

Pela delimitação espacial (o território de Capela do Socorro), vieram os limites temporais, com base em minha permanência como trabalhador nesse território, tendo assim o período de 2021 a 2023 como recorte temporal para a pesquisa.

Nessa perspectiva, encontra-se densa carga de trabalho/dados para pesquisa, isto é, oficinas arte-educativas semanais, sistematizadas em narrativas, diários de bordo, antes mesmo do campo indicado se tornar o cerne da pesquisa. Vale ressaltar que para a pesquisa, foram utilizados apenas registros pessoais, usados na composição de uma narrativa única, que se tornou o principal material de análise da seguinte pesquisa. Fotos, vídeos, textos e registros textuais de conversações com outros profissionais e das produções das oficinas realizadas, da rede de serviços do território da Capela do Socorro, foram os principais recursos para a produção do texto "A narrativa da experiência", texto orientador para as reflexões teóricas sobre o potencial artístico, a Artisticidade, como posicionamento existencial possível de ser acessado em oficinas arte-educativas, para abertura de possibilidades de conceituar Pertencimento e valorização da Diversidade Cultural. Nesse sentido, buscou-se aprofundar o compartilhamento do olhar sensível do pesquisador-trabalhador em contato com usuários da rede de serviços, realizando práticas artísticas, como pinturas, ilustrações, grafismos, abstrações, danças circulares, práticas meditativas, experimentações corporais guiadas, manifestações da Cultura Popular Brasileira e convivências comunitárias, atravessados por recursos musicais, audiovisuais e afetivos.

Tais reflexões indicam questões-guia para compreender a manutenção e ampliação de oficinas arte-educativas:

- É possível garantir acesso a políticas públicas sociais por meio de transformações individuais e coletivas em oficinas arte-educativas?
- Como os conceitos de Artisticidade, Diversidade Cultural e Pertencimento se materializam na prática das oficinas arte-educativas?

Por meio destes questionamentos, foram organizadas experiências vivenciadas como contribuições acerca do potencial transformador das oficinas arte-educativas, que ofertam

práticas de expressão gráfica e corporal, resultando em experiências singulares e coletivas potentes para os participantes em foco, os usuários da rede de serviços de políticas públicas do território de Capela do Socorro.

A perspectiva metodológica parte da descolonização política, orientação epistêmica reorganizada, que compreende a coexistência de saberes pluriversais (Mignolo, 2008) que se fundamenta no fato de que (...) “pessoas, consideradas inferiores, tiveram negado o agenciamento epistêmico pela (...) razão [a razão eurocêntrica]” (Mignolo, 2008, p. 287), referindo-se à problematizações urgentes para a garantia de bem-estar social de populações marginalizadas em suas próprias narrativas. A partir desse posicionamento teórico-político, chega-se à desobediência epistêmica, por meio da valorização de epistemologias não-europeias que divergem dos postulados ocidentais patriarcais, em resposta aos epistemicídios³ institucionalizados, assumindo assim uma perspectiva metodológica decolonial ocupada em estabelecer interlocuções dentro e fora de espaços acadêmicos.

Os caminhos metodológicos têm respaldo teórico em Walter D. Mignolo (2008) e Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009). As elaborações de pesquisa derivadas dessas composições teóricas se apoiam em condutas histórico-dialéticas, que operam uma ética epistemológica do hemisfério sul, onde bens simbólicos e intelectuais, em contato com as produções de conhecimento derivadas de vivências, encontram discursos, iniciativas criativas e participantes, que invariavelmente exigem espaços de escuta e produção horizontalizada, isto é, a conduta decolonial para a metodologia de pesquisa em abordagem cartográfica permite a expressão e aprofundamento de saberes construídos informal e coletivamente entre pesquisador e campo de pesquisa, que neste caso seriam os facilitadores e participantes das oficinas arte-educativas, usuários da rede de serviços.

A coleta de dados se insere na organização dos registros acumulados ao longo de minha trajetória profissional e acadêmica, que foram sistematizados e organizados em narrativas, construídas a partir das experiências nas oficinas arte-educativas, desenvolvidas entre 2019 a 2023, no território da Capela do Socorro, zona sul da cidade de São Paulo, pela perspectiva do pesquisador-artista-psicólogo-facilitador de oficinas.

O texto-guia para a metodologia com abordagem cartográfica é “Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), trazendo algumas possibilidades de definição para projetos de escritas cartográficas,

³ Epistemicídio é o extermínio de outras produções de conhecimento em função de uma única forma de produzir conhecimento considerado superior, conceito trabalhado por Renato Nogueira dos Santos Junior, docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

construídas em colaboração, indicando que a produção textual pode ser “(...) texto-agenciamento, livro-multiplicidade feito de diferentes datas e velocidades (...)” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 9).

A escolha da abordagem cartográfica se deu devido às características importantes do aprofundamento no campo de pesquisa, que envolvem a perspectiva do pesquisador, delimitação das produções coletivas das oficinas arte-educativas e descrição dos acontecimentos pesquisados, em conversações com os conceitos teóricos evocados.

A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de "o mesmo" não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 10).

Firma-se assim a proposta metodológica por meio das “pistas cartográficas”, que pautam o processo de pesquisa e contato com o sensível dos dados coletados em narrativas. Isto é, a proposta de pesquisa desenvolvida assume aspectos transformadores e retroativos, alcançando pesquisadores e os campos de pesquisa, em caráter indissociável, contando com aproximações fenomenológicas, gestos de atenção, que propõem o desenvolvimento da pesquisa a partir de interlocuções que trabalhem pelo “(...) rastreio, o toque o pouso e o reconhecimento atento (...)” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.14), possibilitando maior amplitude para uma epistemologia do encontro em Artes para a criação coletiva.

Assim, o que tradicionalmente para produção acadêmica de dissertações resultaria em capítulos analíticos, aqui será desenvolvido em quatro ensaios teórico-literários para a contemplação dos objetivos da pesquisa, buscando recursos da literatura científica, produção autoral aberta para textualidades líricas e entradas textuais descritivas sobre as experiências vivenciadas das oficinas arte-educativas, realizadas a partir da minha experiência como trabalhador da Saúde Mental, no território da Capela do Socorro. Os ensaios teórico-literários são: Ensaio 01 - Oficinas Arte-Educativas; Ensaio 02 - Artisticidade; Ensaio 03 - Diversidade Cultural; Ensaio 04 - Pertencimento.

Em "Ensaio 01 - Oficinas Arte-Educativas" encontra-se a proposta conceitual sobre a estruturação das oficinas arte-educativas ofertadas e contribuições textuais-reflexivas, resultantes das reflexões teórico-vivenciais, baseadas nas produções artísticas realizadas, que apontam para materialidades artístico-culturais, promoção de bem estar, acompanhamento e intervenções dos participantes e do facilitador/arte-educador/pesquisador. Apresenta-se de

forma descritivas algumas situações e vivências das oficinas realizadas, envolvendo a aproximação à expressividade artística, apoiada pela garantia de acesso à rede de serviços de políticas públicas, compreendendo as oficinas arte-educativas como tecnologias leves⁴. A conceituação sobre Arte-Educação e Grupos é baseada nas contribuições de Ana Mae Barbosa (2014; 1995).

A expressão artística é ressaltada como ponto de partida para a pesquisa, no qual as produções e trocas em Artes, podem conferir potencial reorganizador para os participantes de oficinas arte-educativas, transformando-os pela possibilidade de autocompreensão enquanto artistas, para garantir fruição de conhecimento, construções coletivas e potencialidades para a valorização da Diversidade Cultural. Em "Ensaio 02 - Artisticidade", são apresentadas as contribuições epistemológicas sobre as Artes, destacando as linguagens artísticas gráficas e corporais, nas práticas terapêuticas desenvolvidas em minha atuação profissional como psicólogo da saúde pública, no território da Capela do Socorro. Destacam-se as colaborações dos encontros do N'Me, Núcleo de Estudos sobre Metodologias de Pesquisa em Artes, do Instituto de Artes UNESP - Universidade Estadual de São Paulo, por meio das discussões vivenciadas, trocas de experiências entre os pesquisadores, alicerçadas em leituras coletivas e conceituações oriundas das produções esquizoanalíticas de Gilles Deleuze (2011; 2012) e propostas decoloniais em Frantz Fanon (2022).

O texto "Ensaio 03 - Diversidade Cultural" se apresenta como possibilidade ensaística de trazer mais experiências vivenciadas nas oficinas arte-educativas, realizada na Capela do Socorro, extrapolando muros das instituições e espaços comunitários institucionalizados para conceituar sobre a importância da descolonização do pensamento, em função das produções artísticas e orientações sociais de convivência e luta de classes. Com o apoio de Frantz Fanon (2022), a valorização da Diversidade Cultural, em contrapartida a continuidade e preservação da cultura ocidental eurocentrada, apresenta-se como campo fértil para o desenvolvimento de grupidades, do reconhecimento dos integrantes das comunidades com seus espaços comunitários e a validação coletiva de suas expressões culturais, artísticas e científicas. Aracy Abreu Amaral (2006) também traz contribuições para perspectivas centradas na valorização da identidade cultural regionalizada e em contato com experiências políticas-econômicas e socioculturais semelhantes, evidenciadas pela interculturalidade latinoamericana, que

⁴ Conceito desenvolvido por Emerson Elias Merhy (2005) para aprofundar sobre a importância de metodologias de atendimento à população em Saúde Pública que envolvam práticas orientativas, pedagógicas e de acompanhamento psicossocial.

expressa pontos de conexão históricas e sociais entre territórios dissidentes dos padrões europeus de cultura e sociedade.

O "Ensaio 04 - Pertencimento" busca apresentar como o conceito citado se estrutura nas vivências das oficinas arte-educativas pesquisadas e problematizar a importância de práticas coletivas, baseadas na construção de propostas interacionais que evidencie a Diversidade Cultural nas narrativas expressas. Pensando no território da Capela do Socorro, as práticas em Artes, desenvolvidas em agenciamentos (Deleuze, 2011) entre os usuários dos serviços de Saúde Mental, a conceituação vivencial do Pertencimento vem como um desdobramento da Artisticidade, expressa nas iniciativas arte-educativas, na qual Fanon (2022) mantém contribuições teóricas para o fortalecimento dos processos de descolonização do pensamento social e embasa teoricamente a concretude do aumento da potencialidade existencial, via Artisticidade nas Oficinas, ao ser consolidado o sentimento e a compreensão do Pertencimento, enquanto manifestação de acolhimento e valorização da Diversidade Cultural, possibilidade de expressão dos afetos e organização de grupidades, nas quais os usuários da rede de serviços se identifiquem entre si, possibilitando reflexões e ações para reivindicar garantia de direitos sociais.

Para as considerações finais, é retomada a proposta de intenso entrelaçamento entre os temas dos ensaios teórico-literários, que foram desmembrados aqui para garantir maior interlocução com os leitores, e agora retorna ao seu formato original, de quando foi visualizado como problema-ação de pesquisa decolonial com abordagem cartográfica, para mais uma vez materializar as contribuições das narrativas sobre as potências existentes em processos de garantia de direitos baseados em ações com uso tecnologia leve, garantindo a expressividade artística e formação de grupidades potentes e transformadoras de realidades marginalizadas. Também busca-se ofertar reflexões, pautadas nas experiências pesquisadas, para o fomento a formulação de políticas públicas culturais que realizem a perpetuação de práticas institucionalizadas em Artes, garantindo linguagens acessíveis e abertas à Diversidade Cultural, que podem evidenciar e manter intersetorialidade, interculturalidade e garantia de acesso e direitos nas políticas públicas.

2 A NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA

Vivenciar o contexto de trabalho em Saúde Mental, ora em contato com as demandas da Deficiência Intelectual, ora na relação com o sofrimento psíquico em adoecimento grave, crônico e persistente, foi o exercício ativo iniciado em janeiro de 2019, se estendendo aos dias atuais, pela vinculação como profissional celetista, junto a uma Organização Social da Saúde - OSS, responsável por administrar serviços públicos de saúde, em parceria com o município de São Paulo. A OSS que me contratou, na qualidade de administradora de determinados contratos de gestão de serviços no território da Capela do Socorro, zona sul do município de São Paulo, compõe o conjunto de dispositivos de agenciamento para minha atuação profissional na Atenção Psicossocial e Reabilitação Intelectual.

Nesse contexto foi possível abranger as demandas de cuidado para àqueles que são marcados por algum diagnóstico psiquiátrico e/ou neurológico, ofertando assim acompanhamento pelos serviços adscritos a esse contexto. O público ao qual se destinam as ações de cuidado humanizado, demandam garantia de direitos em saúde, para além da oferta de procedimentos tradicionais de cuidado, devido sua complexidade enquanto sujeitos demandantes de fortalecimento de autonomia, o que aponta diretamente a importância da intersetorialidade nas ações, abrindo campo para iniciativas artísticas, culturais e colaborativas, como oficinas arte-educativas com recursos de Artes Visuais, Artes do Corpo e Artes Cênicas, linguagens artísticas com as quais tive oportunidade de interagir e me aprimorar ao longo de minha trajetória formativa.

Assim, ao assumir essa posição profissional, como psicólogo componente de equipes multidisciplinares, me localizei como parte da oferta de atendimento em Reabilitação Intelectual e Psicossocial para a população do território de Capela do Socorro e encontrei campo de atuação intersetorial, onde as práticas de cuidado, estruturadas em tecnologias leves, seriam o encontro entre resolutividade nas práticas de cuidado e possibilidades de ampliação de práticas profissionais interdisciplinares.

De 2019 a 2021, estive inserido no universo da Reabilitação Intelectual do território de Capela do Socorro, na zona sul da cidade de São Paulo. Meu cotidiano profissional se estendia em 40 horas ou mais semanais, no horário comercial, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, incluindo alguns sábados e domingos excepcionais. Essa carga horária dedicou-se a realização de ações terapêuticas: como grupos terapêuticos, divididos por faixas etárias; visitas domiciliares para atendimentos individuais e familiares; articulações de rede de

serviços, por meio ações e reuniões com outros serviços intra e intersetoriais (Saúde, Educação, Assistência e Desenvolvimento Social, Justiça e outras políticas públicas). De acordo com as portarias⁵ que regem este dispositivo institucional, minha prática profissional, junto aos outros trabalhadores das equipes, tinha como objetivo apoiar os processos de fortalecimento à autonomia e de acesso à garantia de direitos de pessoas com deficiência intelectual.

O contato direto com os usuários do SUS sempre foi um horizonte para mim. Eles estão no mundo, assim como eu. Isto é, depender unicamente de recursos e serviços públicos de Saúde coloca uma perspectiva de acesso à Saúde como direito conquistado, através de movimentos sociais. Nesse campo de experiências como cidadão de direito, me posiciono como mais um dos diversos usuários da rede de serviços públicos, assumindo também a posição de trabalhador nessa rede. Logo, trabalhar com seus contextos para promoção de saúde, fomentar práticas comunitárias, respeitar suas singularidades e valorizar a Diversidade Cultural na qual estão inseridos foram e são prerrogativas éticas para o trabalho em políticas públicas sociais e para as práticas terapêuticas.

Sempre segui minha trajetória profissional, buscando articulações com Arte e Cultura para corroborar às práticas que garantissem intersetorialidade no cuidado em Reabilitação Intelectual e Saúde Mental. A escolha pela Arte e Cultura não foi mera coincidência. Em breve contextualização, inicialmente, o que me levou às Artes foi o desejo de existir plenamente, encontrar um espaço no mundo, que talvez só existisse em minhas ideias e fantasias, a princípio infantis e depois amadurecidas, de que na expressividade, nas Artes Visuais e do Corpo, haveria possibilidades de vivenciar o belo e o prazer, aberto a aproximações humanizadas, em contextos acolhedores e com potenciais coletivos.

Junto a esses sentimentos e reflexões, vivenciei experiências nas Danças Clássica, Contemporânea e Brasileira, por meio de formação técnica pelo Ballet Stagium, desenvolvida no contexto de projeto sociocultural, intitulado "Projeto Joanelha - Dança como integração social", entre 1998 a 2008. Em 2011, Também mergulhei em propostas nas Artes Visuais e Cênicas, em experiências autogestionadas com coletivos artísticos independentes, chegando na formação de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais, pelo Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura, da Universidade de São Paulo - CELACC/USP, realizada de 2017 a 2019, acessando os estudos pós-graduados devido meu bacharelado em Psicologia. Em 2018, também passei por experiências profissionais, como psicólogo em organização não-governamental que opera o cuidado a pessoas com deficiência

⁵ Portaria Nº 835, de 25 de abril de 2012; Portaria MS/GM nº 793, de 24 de abril de 2012.

intelectual por meio de oficinas arte-educativas, inseridas em projetos culturais fomentados por recursos públicos e privados, com o objetivo de, junto à participação social e em contato direto com as comunidades, fortalecer cidadania para pessoas com deficiência intelectual, suas famílias e redes de apoio. Tais percursos artísticos, formativos e profissionais foram fundamentais para manter coeso em mim as práticas para uma pesquisa acadêmica em Arte-Educação.

Esses percursos são aqui evocados para evidenciar a processualidade do fazer em Arte-Educação na minha trajetória, para elaboração de autoconhecimento, atrelado a buscas incessantes por recursos teóricos e vivenciais. Em diálogos com os leitores, me apresentar enquanto trabalhador da rede de serviços de Saúde Pública, do território da Capela do Socorro, descrevendo escolhas, espaços e construções, é organização para propor convites e aproximações para produções em Artes coletivas, expressivas e identificadas, desenvolvidas por populações marginalizadas em encontros acolhedores e potentes, onde os processos de cuidados podem ser vistos como estrutura, porém também são meios para a materialização de cidadania, fortalecimento de vínculos e Diversidade Cultural.

Nesses percursos, pude agenciar e vivenciar processos potentes com recursos gráficos, corporais e audiovisuais, como mecanismos de acolhimento, fomento para a continuidade dos processos de trabalho e a valorização da expressão artística.

Em abril de 2021, fui transferido para um serviço especializado em Saúde Mental, com funcionamento 24 horas, no mesmo território, saindo assim da atuação direta com a pessoa com deficiência para adentrar a reabilitação psicossocial, para pessoas em sofrimento agudo, crônico e/ou persistente.

Mesmo com experiências importantes em Saúde Mental, estava diante de um novo desafio: trabalhar em um serviço que se propõe a ser substitutivo aos hospitais psiquiátricos, com funcionamento 24 horas, o que corroborou para práticas arte-educativas para a promoção de saúde, resultando em potentes fomentos aos processos de reabilitação psicossocial, por meio de recursos expressivos, criativos, educativos e coletivos, que são, naturalmente, um dos eixos organizadores da Atenção Psicossocial para fortalecer os processos de cuidado dos usuários da rede de serviços.

Nesse sentido, ocorreram experiências importantes que materializam meus interesses em desenvolver práticas de cuidado interligadas às Artes, em caráter intersetorial, como a organização de eventos culturais e comunitários, tendo participação na organização do bloco

de carnaval de rua IntegraFolia⁶, a oferta de oficinas arte-educativas como espaços terapêuticos e formativos, e o trabalho em rede intersetorial como ações de reabilitação psicossocial. Essas ações seguiram como constatações epistemológicas para mim, e resultaram no meu ingresso no Programa de Pós-Graduação, do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de São Paulo (PPG/IA - UNESP), como mestrando acadêmico na área de Arte-Educação.

Realizei minha submissão no mestrado com um projeto de pesquisa voltado ao estudo dos coletivos de artes do corpo latino-americanos, buscando delimitar como eles poder ser fomentadores de interculturalidade e transformações sociais em seus territórios, propondo construções de plataforma digital para comunicação entre coletivos artísticos, juntamente com a gravação e edição de um mini documentário sobre os processos de pesquisa. Também na esteira das restrições pandêmicas, meu projeto precisou ser readaptado para uma pesquisa local e para destacar-se como uma pesquisa em Artes, deixando produções sobre as Artes como secundárias.

Uma intensa jornada, acompanhada por meu orientador Wladimir Mattos, foi percorrida para o melhor aproveitamento das pesquisas, realizadas por meio do IA - UNESP. Buscamos destacar qual seria a prática artística, presente no cerne de minha pesquisa, pergunta que gerou um processo de amadurecimento dos estudos. As artes do corpo, performance, dança, teatro, entre outras linguagens artísticas sempre me acompanharam, vindo pela na formação, passando pelo desejo de tornar as Artes como práticas profissionais, até chegar aos contextos de produção de conhecimento. Destaco as oficinas arte-educativas permeando intensamente meu cotidiano como pesquisador/psicólogo/artista/arte-educador, até se tornarem campo de pesquisa, evidenciando conceituações possíveis para a potência artística presente em oficinas vivenciadas no território de Capela do Socorro, para acessar conteúdos que envolvam acolhimento e empoderamento.

Destaco uma pergunta que surge durante minhas orientações no processo de mestrado: "É possível que um psicólogo seja artista?". Suspendendo os relativismos, a questão contém uma urgência, que é o rompimento com pensamentos colonizados sobre multidisciplinaridade. As Artes estarão sempre a favor da comunicação e das conexões nas relações humanas, porém podem compor circuitos diversos, contendo disputas de perspectivas.

Esses questionamentos me levaram a compreender que de fato a abordagem cartográfica para o campo de pesquisas, que busca aprofundar leituras sobre o potencial

⁶ Bloco de Carnaval de Rua, que integra a programação oficial de Carnaval da cidade de São Paulo, com foco em práticas inclusivas e participação de profissionais da rede de serviços de saúde e socioassistenciais.

expressivo e coletivo das oficinas arte-educativas, deveria ser uma perspectiva que abarcasse valorização de condutas decoloniais e realçadoras de narrativas. Assim, com Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009), encontrei pistas iniciais:

Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 56).

Essas pistas seguiram se anunciando, ressoando para além de minha atuação como psicólogo, retomando também minha formação de 10 anos em Dança, compreendendo a importância de mergulhos em campos desconhecidos, porém buscando proximidades entre vivências em Artes. Também fui participante de grupos arte-educativos, durante minha formação de Dança, que ocorreu como formação técnica em Dança de 5 anos, voltada para crianças e jovens, estudantes da rede pública educacional de São Paulo. Essa prática profissional veio antes da Psicologia e proporcionou muitos aprendizados, que fazem parte de minha formação como profissional. Porém, ao longo do tempo, frustrações como artista foram minando meus desejos de produção em Artes e Dança, me fazendo fincar minha trajetória profissional na Saúde Mental. Entretanto, para as pesquisas sobre oficinas arte-educativas aqui propostas, não se buscava apenas reconciliações com práticas abandonadas, ou esclarecimentos científicos sobre os campos de pesquisa que por muito tempo foram apenas campos profissionais e de manutenção de políticas públicas. Ao delimitar o “objeto de pesquisa”, que sempre foi pulsante, vivo e mobilizador, buscava-se formas de manter a pulsação e revelações das oficinas arte-educativas por elas mesmas, o que uma abordagem empírica tradicional não permitiria, como Passos, Kastrup e Escóssia (2009) retomam:

Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de "deixar rolar". A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal, onde há uma concentração sem focalização. (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 57).

Nesse contexto, a experiência como mestrando em Artes, a reorganização de meu projeto de pesquisa diante dos limites da pesquisa postos pela pandemia e a intensa autonomia que me foi conferida para a maturação de meus processos de pesquisa acadêmica me

ofereceram campo para reconciliação entre o artista e o psicólogo, tornando o pesquisador ainda mais potente. Ou seja, processos importantes para pesquisa em Artes, oficinas arte-educativas e conceitos emergentes das experiências vividas já estavam ocorrendo em mim, pelo meu desejo de ampliar conhecimentos por epistemologias vivenciais, que não necessitem de muros acadêmicos para localizar onde ocorre a produção de conhecimento. Assim, Passos, Kastrup e Escóssia (2009) oferecem referências reflexivas:

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. A espessura processual é tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas. Em outras palavras, o território espesso contrasta com o meio informacional raso (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 58).

Assim, entrar em contato com a narrativa de meu percurso artístico-acadêmico-profissional se torna em si um canal potente de constatação sobre o caráter transformador contido na transdisciplinaridade, rompido com saberes dominantes, chegando às evidências cartográficas que sim, é possível ser artista e pertencer, mantendo a multiplicidade de existência mais ampla possível.

Como o processo de pesquisa trilhou caminhos cartográficos decoloniais, aberto aos encontros teóricos-vivenciais, resalto que não seria possível em uma dissertação evidenciar todas as ocorrências mobilizadoras das oficinas arte-educativas. Nesse sentido, cada ensaio textual a seguir se debruçou por um ou dois acontecimentos em oficinas arte-educativas, realizadas no território de Capela do Socorro, para elucidar os conceitos emergentes da pesquisa e reafirmar a importância das práticas artísticas em si, concomitante com sua importância para interconexões nas relações interpessoais e com o mundo.

Com essas perspectivas, pensar e viver torna-se confluência de saberes singulares, diversos e simbólicos, abertos à participação social em múltiplos fluxos (Salort, 2017). Ou seja, abordar as oficinas arte-educativas, realizadas no contexto das políticas públicas, sendo essas ações práticas em Artes, é evidenciar uma possibilidade de pesquisa e análise acadêmica, que possa compreender o potencial artístico e as questões sociais, delimitadas em grupos organizados.

3 ENSAIO 01 - OFICINAS ARTE-EDUCATIVAS

As oficinas arte-educativas são aqui descritas como dispositivos vivenciais, expressivos e afirmativos, para propostas participativas que não apenas se ocupem de ofertar campos de produção material e subjetiva entre seus participantes. Primeiramente, as oficinas se apresentam como encontros semanais, facilitados por mim e por mais profissionais dos serviços da rede de políticas públicas assistenciais do território de Capela do Socorro, zona sul da cidade de São Paulo. Esses serviços, ligados a Reabilitação Intelectual e a Saúde Mental, ofereceram espaço físico e recursos materiais para a realização das atividades arte-educativas no período de 2019 a 2023. Estive vinculado a estes serviços como profissional celetista contratado, possibilitando o contato contínuo com a população do território que demandava atendimentos especializados em Saúde e acessaram o acompanhamento das oficinas como parte de seus projetos de cuidado, por serem usuário da rede de serviços.

As oficinas arte-educativas atenderam diversos públicos, sendo sempre usuários da rede de serviços do SUS do território de Capela. Crianças, jovens, adultos e pessoas envelhecidas, pessoas com alguma deficiência (em destaque a deficiência intelectual) e pessoas diagnosticadas com condições psiquiátricas agudas e/ou crônicas, são aspectos encontrados nos usuários dos serviços que frequentaram as oficinas.

Jamais seria possível generalizar esse público. Porém, as oficinas arte-educativas que desenvolvi como psicólogo nos serviços, são aqui organizadas como experiências oferecidas e vividas em Arte-Educação, que no desenvolvimento do meu percurso como mestrando no IA - UNESP, se tornaram campo de pesquisa devido seu caráter de fazer em Artes, tanto pelos integrantes das oficinas, quanto pelo papel dos facilitadores, me incluindo como participante ativo e transformado pelos encontros.

A partir de um olhar institucional, as oficinas tiveram como objetivo fortalecer, de maneira ampliada, espaços horizontais, que considerem facilitadores, integrantes e outros agentes que viabilizaram a propostas artístico-educacionais, para alcançar estimulação cognitivo-sensorial, comunicação, convivência e socialização.

Nesses campos artísticos e vivências, na posição de pesquisador/psicólogo/arte-educador, foi delimitado, junto a participação dos usuários dos serviços/frequentadores das oficinas, a) práticas terapêuticas, preconizadas pela rede de serviços especializados de Saúde; b) práticas em políticas públicas sociais, garantindo o cumprimento das portarias governamentais para o atendimento da população; c) práticas

artísticas, compreendidas na expressividade e produção de subjetividade dos integrantes das oficinas.

As linguagens artísticas usadas foram Artes Visuais, Artes do Corpo e Artes Cênicas, em abordagens que visaram a expressividade livre, valorizando as trajetórias e conhecimentos de cada integrante, distanciando-os de propostas educativas formais, baseadas em métodos artísticos consagrados, oriundos de convenções educacionais tradicionais. Essa perspectiva libertária na oferta das oficinas encontrou na Abordagem Triangular (Barbosa, 2014) fundamentação teórica e metodológica consolidada para o desenvolvimento e novas leituras das oficinas arte-educativas, pois os encontros nas oficinas sempre se pautaram pela disponibilidade dos integrantes para desenvolver as propostas artísticas e buscaram desenvolver produções individuais e coletivas que trouxesse em si significados desenvolvidos pelo processo de criação artística, resultando também em acompanhamento para as condições de Saúde Mental.

Essas características das oficinas envolvendo prática, os integrantes e seus contextos sociais e de vida se mostraram conectadas às propostas da Abordagem Triangular, conexões estas que podem ser percebidas na seção "Narrativa da experiência" da seguinte dissertação. Muitas experiências nas oficinas arte-educativas foram registradas, em documentos formais, referentes ao acompanhamento de cada usuário da rede de serviços. Porém, o texto "Narrativa da Experiência" e outros relatos vividos nas oficinas, descritos nos ensaios, sempre através do olhar do pesquisador/psicólogo/artes-educador, são a materialidade da prática em Artes, compreendida pelas contribuições teóricas de Ana Mae, evidenciando perspectivas epistêmicas, tornando concreta a compreensão das experiências das oficinas junto aos trinômios [...] *estética-história-crítica* [...] *fazer-ler-contextualizar* [...] (Barbosa, 2014, p. 14), encontrados nos escritos de Ana Mae, nos quais se conceitua a Abordagem Triangular. Isto é, nas oficina arte-educativas delimitadas a expressão estética em Artes, concretizada pelo fazer artístico, daqueles que são vistos como possíveis artistas, apesar de estarem nos encontros como usuários da rede de serviços, são possibilidades de retomadas de suas histórias para que desenvolvam recursos críticos e de contextualização de suas produções e vivências no mundo.

Por meio do prisma da Abordagem Triangular, observei que as oficinas arte-educativas desenvolvidas valorizaram a abertura de espaços de escuta e processos comunicacionais, corroborando para a afirmação de um compromisso artístico-epistemológico emancipado de saberes coloniais, no qual os conhecimentos vividos pelos integrantes das oficinas produziram novos saberes e possibilidades mais harmoniosas de existir, suspendendo

marginalizações de suas existências. Essas compreensões pautaram ampliações sobre a importância do acesso à dispositivos culturais, pois os encontros arte-educativos junto a sua viabilidade institucional, permitiram aberturas intersetoriais para analisar e fomentar acesso às políticas públicas sociais, em constante interlocução com iniciativas da sociedade civil junto ao Estado (Canclini, 1987). Partindo de propostas artísticas coletivas, vivenciadas nas oficinas descritas, constroem-se campos de efetividade para tomadas de consciência sobre dinâmicas sociais, considerando a Diversidade Cultural, que abarca relações étnica-raciais, luta de classes e igualdade gênero, e gera espaços de coexistência de singularidades.

Nesse sentido, é de extrema importância ressaltar o papel do pesquisador/psicólogo/arte-educador, junto aos colaboradores institucionais e profissionais facilitadores, como agenciadores nas oficinas arte-educativas, que catalisam os encontros por meio de propostas construídas coletivamente, ofertadas de acordo com os contextos dos encontros, para alcançar os objetivos primários e paralelos das oficinas, que podem ser compreendidos entre atenção e empoderamento da população frequentadora dos encontros.

Ao assumir todo contexto teórico e estrutural das oficinas arte-educativas, entendo que tudo nesse conceito e nas vivências das oficinas encontro ligações a experiências, e a melhor maneira de ler e compreender as experiências se faz na contação dessas histórias. Dentre diversas experiências vividas no recorte temporal de 2019 a 2023, onde praticamente toda semana ocorreram encontros para produções artísticas, retomo os encontros referentes ao Processo de Xilogravura, vivido no final do primeiro semestre de 2021, em um serviço de Saúde Mental, do território de Capela do Socorro.

Nesse processo criativo, a linguagem artística em Artes Visuais ofertou campo de expressividade e apropriação de processualidade, causando curiosidade e deslumbramento ao final do processo, oferecendo também a possibilidade de expressar processos subjetivos pessoais de forma singular e coletiva. Para a realização do Processo de Xilogravura, assumiu-se as seguintes etapas: 1) estudo de linhas e formas geométricas, em desenhos simples com grafite; 2) composições visuais com os estudos gráficos, criando sobreposição das linhas e formas estudadas; 3) reprodução das composições em folhas de papel canson, com uso de resina pigmentada, criando folhas-matriz; 4) impressão das folhas-matriz sobre placas de compensado de madeira MDF; 5) escavação das imagens impressas na madeira com goivas (objetos de artesanato manual para corte em madeira); 6) uso das placas de madeira talhadas para impressão em série, tingidas com tinta.

O Processo de Xilogravura durou, aproximadamente seis semanas, porém a demarcação do tempo para as produções abarcou processos de acolhimento de emoções,

orientações para o processo criativo e intensas afetividades. Dessa forma, podemos considerar que ocorreram processos de deglutição, desconstrução e reorganização das influências (Barbosa, 1995) artísticas e vivências dos participantes, para a criação em Artes, que resultaram nas produções expressas na Figura 1.

Figura 1 - Experimentações em Xilogravura⁷ realizadas nas oficinas arte-educativas, que ocorreram em serviço público de Saúde Mental, da cidade de São Paulo, em 2021.



Fonte: Cláudio Henrique Lira da Silva (2021), arquivo pessoal.

Durante o processo com a Xilogravura, expressões do sensível, vindo do processo criativo dos participantes foram registradas e compartilhadas. Um participante adulto do gênero masculino falou: "eu cavo a madeira para ver o meu desenho e sinto como se estivesse me cavando para chegar onde não sei... dá medo, mas assim é mais fácil", revelando processos de projeção de sua subjetividade em seu fazer artístico. "Quero carimbar o que eu fiz em tudo, pode?" disse uma participante jovem do gênero feminino ao se deparar, de forma empolgada, com sua primeira impressão em xilogravura, nos dando recursos para entender que algo vivido por ela poderia ser impresso no mundo, para além do seu sofrimento psíquico, que a trouxe inicialmente ao serviço no qual foi desenvolvida a atividade. "Nossa, dá pra fazer isso sempre: desenhar, cavar, carimbar e olhar como fica bonito... repetir muitas vezes e nunca ficar igual, mesmo sendo o mesmo desenho..." foi o comentário de uma integrante adulta diante da constatação que a proposta artística vivida pode ser replicada e estar em

⁷ A técnica de Xilogravura é uma linguagem das Artes Visuais, com grande recorrência no território nordestino brasileiro (GABRIEL, 2012).

outros contextos, com outras finalidades, que não sejam apenas desenvolver uma atividade artística proposta em um serviço de Saúde Mental.

Tais comentários, novamente, nos direcionam às contribuições de Ana Mae Barbosa, compreendendo as possibilidades nas oficinas arte-educativas vivenciadas como campos de "[...] *Produção, Apreciação e Contextualização* [...]" (Barbosa, 2014, p. 15), ultrapassando processos meramente materiais de produção artística, para evidenciar expressividades singulares, produção de subjetividade no coletivo, encontrando assim, mais uma vez, consonâncias na Abordagem Triangular/Proposta Triangular:

[...] A Proposta Triangular foi sistematizada a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade. A pós-modernidade em arte/educação caracterizou-se pela entrada da imagem, sua decodificação e interpretações na sala de aula junto à já conquistada expressividade. (Barbosa, 2014, p. 13).

Os processos vividos em Artes Visuais, para além da Xilogravura, utilizaram recursos arte-educativos ligados à pintura, desenho livre, colagens e composições com objetos, como folhas e galhos secos, encontrados aleatoriamente nos percursos dos integrantes. Ou seja, a manutenção das propostas nunca foi algo de total responsabilidade dos facilitadores ou das iniciativas que sustentaram a oferta das oficinas. A frequência dos encontros, pautada em planejamento e propostas compartilháveis, desenvolve grupalidade, identidade grupal, interlocuções e agenciamentos, não só centralizado no facilitador, que também agencia os envolvidos e as temáticas.

Por meio dos breves relatos, expostos aqui para conceituar as oficinas arte-educativas, baseadas nas contribuições de Ana Mae Barbosa, nas experiências profissionais e pessoais de cada integrante, independente de sua posição como facilitador, usuário do serviço ou pesquisador/psicólogo/artes-educador, a intenção se deu para além de uma produção de conhecimento para espaços acadêmicos. Buscou-se aqui, mesmo que minimamente, vivenciar um espaço horizontalizado e participativo, onde encontros artísticos entre pessoas e seus potenciais artísticos resultaram não só em produtos em Artes, destinados ao cuidado em saúde especializada, mas sim, revelou-se que perspectivas libertárias, emancipatórias e de empoderamento são possíveis em espaços de criação artística.

A compreensão desses processos artísticos e existenciais depende também de agenciamentos de vida, contando que ao menos os facilitadores precisam aguçar sua sensibilidade, por meio de olhar humanizado e processualidade, o apoio às produções

artísticas daqueles que antes de serem vistos como usuários de serviços públicos, dificilmente foram entendidos como artistas em potencial.

Sendo assim, a perpetuação das oficinas arte-educativas é um trabalho coletivo, de idealização para a prática, mantido e vivenciado por todos os integrantes, sem hierarquizações, mas considerando atribuições específicas para os envolvidos (Barbosa, 2014), como ofertar propostas artísticas organizadas com base nos interesses do grupo e experiências metodológicas dos facilitadores. Facilitadores trazem propostas, materiais e metodologia para execução de atividades arte-educativas, porém é importante considerar que os participantes, usuários dos serviços, também contém seu métodos e propostas próprias, que com o apoio dos facilitadores podem se tornar atividades de maior amplitude de engajamento e retroação dos efeitos psicossociais da realização das práticas artísticas. Desse modo, podemos entender que a efetividade das oficinas arte-educativas, em seus objetivos primários e paralelos, depende do envolvimento de todos, pois sem o engajamento dos integrantes com as propostas, conscientes que fazer-ler-contextualizar são posturas compactuadas, toda a potência sinalizada nesses dispositivos artístico-educativos, aqui narrada e conceitualizada, pode ser desperdiçada, e se manter como semente esquecida.

4 ENSAIO 02 - ARTISTICIDADE

Figura 2 - Produção de Tie-Dye com pintura em guache realizada em oficinas arte-educativas, que ocorreram em serviço público de Saúde Mental, da cidade de São Paulo, em 2022.



Fonte: Cláudio Henrique Lira da Silva (2021), arquivo pessoal.

A chegada ao IA - UNESP foi como um namoro a distância, cheio de idealizações, experiências independentes, ocupando a universidade enquanto espaço público para a produção de conhecimento em Artes. Assim, ao me ver mestrando, uma suprema satisfação foi total e envolveu todos meus processos existenciais e acadêmicos, principalmente os processos formativos. Como mestrando e integrante do grupo de pesquisa "N'Me - Núcleo de Estudos em Metodologias de Pesquisa em Artes", essa energia esteve presente desde a organização da grade curricular até as vivências acadêmicas de fato, que ocorreram remotas, entre abril de 2021 até o segundo semestre de 2022, passando ao modelo presencial no último semestre de 2022, seguindo para o ano de 2023 com trocas presenciais no Colóquio Artecompostagem, alguns encontros individuais com o coordenador do grupo.

Sempre almejei por intensidade nas trocas e expressões artísticas em campo acadêmico e epistemológico, e enquanto mestrando fui direcionado para ser orientado pelo

professor doutor Wladimir Farto Contensini Mattos, que me inseriu nos processos de compartilhamento do grupo N'Me, do qual me tornei participante e colaborador em propostas coletivas de estudos de referências teóricas importantes para as trocas de experiências dos pesquisadores integrantes do grupo, que sempre foram compreendidas como processos de compostagem, ou seja, as práticas artísticas seriam fonte ricas de conhecimento e nutriente naturais para a criação de substratos férteis para processos artísticos, revelando a Artecompostagem.

A prática artística na pesquisa em Artes, ou simplesmente a prática do pesquisador em si, inserida no cerne da experiência artística de pesquisa sempre foi a orientação-horizonte para os participantes do N'Me. Wladimir, na sua função de coordenador do grupo, de maneira horizontalizada buscou junto aos pesquisadores integrantes do Núcleo potencializar partilhas dos processos de pesquisa, propiciando leituras interconectadas entre as contribuições e pesquisas.

Assim, naturalmente, evidenciam-se os processos artísticos, que implicam no contato com o sensível, por meio de fluxos criativos e acolhimento, nos campos de produção. Ressalta-se a produção de subjetividade, desenvolvida nos encontros virtuais e presenciais do Núcleo, enquanto força motriz para a expressividade dos pesquisadores-artistas, materialidade das vivências expressas e disseminação desses conhecimentos produzidos, individual e coletivamente.

Dos diversos encontros, realizados pelo Núcleo, muitas discussões buscaram sintetizar experiências artísticas e problematizar as contribuições dos pesquisadores ao Núcleo, evidenciando suas práticas de pesquisa por meio da centralidade em suas práticas artísticas. Wladimir sempre instigou o Núcleo a fazer em Arte, saindo de posturas explicativas das experiências de pesquisa. Durante os encontros remotos do Núcleo, senti que o fazer em Artes, a partir das vivências de pesquisa, obteve algumas limitações, até mesmo em compreender o que seria considerar a pesquisa centrada no fazer artístico. Nesse sentido, as diversas discussões e trocas corroboram para a nomeação de um conceito, pronunciado de forma despretensiosa: a Artisticidade. Esse conceito foi e é dito para evidenciar as potências artísticas, prestes a se artecompostar, durante as trocas de experiências, nos encontros do Núcleo.

Na trajetória como mestrando, que chegou ao IA - UNESP com um projeto que dependia da suspensão do contexto pandêmico, me vi sendo orientado a adaptar e trazer novas propostas para minha pesquisa, centralizando o fazer artístico. Como apresentado na seção "Narrativa da Experiência" e em outros pontos de minha dissertação de mestrado, as reflexões

vividas junto a minha orientação de pesquisa me levaram a retomar meu fazer profissional enquanto fazer artístico, o que não era concebido quando adentrei o mestrado. Havia em mim tentativas de me desvincular dos processos profissionais, que me exigiam muito institucionalmente e me ofereciam pouco espaço de criação. Entretanto, a nomeação do conceito Artisticidade me ofereceu outras possibilidades de me relacionar com meu fazer profissional, que já continha um fazer artístico: o acompanhamento das práticas artísticas de usuários da rede de serviços de Saúde, do território de Capela do Socorro.

Ou seja, para além de cuidar de pessoas adoecidas psiquicamente, ou com condições de Saúde Mental limitantes para sua autonomia, o desafio profissional que eu encarava todos os dias também era de apresentar propostas artísticas para pessoas marginalizadas pela normatização dos corpos, e apoiá-las a se verem como potenciais artistas, nas linguagens de Artes Visuais, Artes do Corpo e Artes Cênicas.

Logo, a partir de minha prática profissional e artística, pude conceituar a Artisticidade enquanto potencial artístico, presente nas práticas e linguagens em Artes, quando desenvolvidas por indivíduos ou grupos, em conexão à suas respectivas narrativas e expressividades, incluindo características subjetivas e territoriais nas produções em foco. Esse conceito se materializa a partir de elaborações oriundas de vivências e teorizações no processo de pesquisa, inseridas nas áreas do conhecimento Arte e Cultura, Produção Artística, Saúde Mental e Oficinas Arte-educativas.

Dessa forma, no contexto das oficinas arte-educativas, onde ocorrem trocas coletivas envolvendo práticas expressivas, troca de experiências e extrapolção dos limites de produção, alcançando campos pessoais e sociais, a compreensão sobre uma certa latência artística sempre esteve presente. Em aprofundamento da experiência dos integrantes das oficinas, observei que ao estabelecer encontros entre a oferta das oficinas e os integrantes das experiências em Artes, frases como "eu não sei desenhar", "nunca fui bom nas aulas de Artes na escola", "tenho vergonha de fazer teatro, não sei falar em público" e "não sei dançar" comumente se apresentaram nos primeiros contatos, recebendo em contrapartida falas minhas e dos outros facilitadores como "não estamos na escola", "não tem certo ou errado, tem o seu jeito", "te ensinaram ao longo da vida que conhecer seu corpo é proibido... vamos apenas nos movimentar" e "estamos em um lugar sem julgamentos, que é um lugar seguro para sermos quem quisermos ser".

As falas descritas acima, referentes aos participantes das oficinas arte-educativas, se inserem nas experiências vividas durante todo recorte temporal da pesquisa, mantendo um padrão de serem mais recorrentes durante os primeiros encontros das propostas oferecidas,

que foram se transformando em falas sobre a satisfação em realizar as atividades propostas e os impactos positivos que as mesmas resultaram para todos os participantes.

Com esses contatos, conexões foram criadas e foi possível notar a presença de processos quase vocacionais em Artes, como se todos nas oficinas arte-educativas, com as quais contribui diretamente para a realização, apresentavam uma espécie de latência criativa que ganhava corpo e manifestação em toda proposta artística desenvolvida, ecoando assim a Artisticidade dita nos encontros do N'Me, o que também pode ser entendido como experiências em Artecompostagem.

Ao delimitar processos de produção artística, localizados em territórios específicos, observou-se que o potencial artístico não é limitado por uma escola intelectual, consagrada em meios acadêmicos eurocentralizados, e sim uma possibilidade de expressão de subjetividades, trazendo em si aspectos singulares e com potências afirmativas (Barbosa, 2014).

Dessa forma, a potência artística é destacada nas produções das oficinas, incluindo o facilitador/agenciador⁸ das atividades, com o objetivo de potencializar produções coletivas artísticas, que geram reflexões e construções. No tocante à vivência das oficinas, pelos olhares dos participantes, ocorreram também possibilidades de valorização da Diversidade Cultural. As práticas artísticas, desenvolvidas com grupos e individualmente, revelaram que é fortalecido um potencial artístico que se afirma enquanto expressividade, diante de propostas de produção que estimulem reflexões sobre Cidadania e promoção de acesso a rede de serviços públicos, considerando que as oficinas foram realizadas em serviços de atenção especializada em Saúde. Esse potencial artístico torna-se assim um recurso de interlocução dos participantes das oficinas sobre suas experiências de vida, leituras do mundo e construção estética.

As experiências em Artisticidade também nos permitem vislumbrar um devir rizomático, ao localizar a prática do potencial artístico como um imbricamento de desejos e ações, partindo dos sujeitos e coletivos, de forma não linear, atemporal e imaterial, incluindo também a materialidade, a temporalidade e a linearidade, para as produções e expressões artísticas. Metaforicamente, o devir rizomático pode ser entendido como estar imerso e ser parte de um mangue, formação geofísica, presente na topografia do nordeste brasileiro, assumindo sobreposição de matérias orgânicas, riquíssimas em composições químicas, reagentes e transformadoras, resultando em um cenário visualmente desorganizado e pouco

⁸ Agenciador é uma conduta operativa em oficinas arte-educativas, baseada no conceito de Agenciamento, de Deleuze e Guattari (1995).

fértil a olhares colonizados e dependentes de estéticas normatizadoras, o que ressalta também as características filosóficas presentes no conceito de "devir", no qual há uma perspectiva para a existência que opera a partir de agenciamentos (Deleuze, 2011), de coletividades orgânicas e atentas aos seus próprios desejos existenciais.

Compreender a disposição do desejo vivenciado em espaços artísticos é como construir para si um corpo sem órgãos (CsO) (Deleuze, 2012), considerando intencionalidade, coletividade e processos de produção de subjetividade, também assumindo a negação dessas construções e experimentações, para que se oponha a formulação de organismos funcionais à postulados hegemônicos, criando rotas de fuga existenciais para imersões subjetivadas e imanências necessárias a continuidade de constituições de corpos sem órgãos, potentes à diversidade humana. O CsO é aqui convocado para contribuir na compreensão da importância da Artisticidade ser um encontro atento entre subjetividade, que formaram e desconstruíram possibilidades de expressão do desejo, para que assim haja entendimento pelos facilitadores/agenciadores das oficinas, campo de pesquisa no qual a Artisticidade é observada, que as propostas artísticas, junto aos usuários da rede de serviços, terão processos de transformação intensos quando toda vivência, inserida nas oficinas, for campo de construção de subjetividades, tanto pela adesão ou negação das propostas, oferecendo também possibilidades de encontros desarranjados, nos fluxos dos desejos dos integrantes das oficinas, fortalecendo assim perspectivas acolhedoras e intensas.

As Artes estão ligadas aos devires minoritários de direito, abarcando singularidades que compõem coletividades, como potências para existir. Através da expressão artística, que pode estar encoberta por mecanismos sociais de opressão e marginalização, é possível estabelecer conexões desterritorializantes, abrindo caminhos para novos agenciamentos, possibilidades para além de condições antes não visíveis (Deleuze, 2012).

Mesmo com a conceituação teórica sobre Artisticidade, as vivências das oficinas arte-educativas mantém para a pesquisa formas mais efetivas de compreensão sobre os impactos dos conceitos que emergem das próprias experiências artístico-educacionais. Retomo aqui uma oficina, orientada pela produção abstrata em Artes Visuais, para expressar sensações internas, usando folhas de sulfite e guache, realizada no primeiro semestre de 2022. Em formato de diálogo, com uma participante jovem, temos a seguinte interação:

Pesquisador/psicólogo/artes-educador/agenciador: Sua produção é essa folha toda pintada de preto?

Participante: Sim. É assim que me sinto - me responde sorrindo com uma leve acidez em sua fala.

Pesquisador: Uma superfície preta pode ser base para tudo. Experimente fazer qualquer coisa na folha, que seja do seu desejo.

Participante: (Em silêncio, faz traços brancos descontínuos em linha reta vertical).

Pesquisador: Agora temos algo que pode ser uma estrada...

Participante: Entendi... - responde a minha observação e continua fazendo traços brancos em direções opostas entre si, chegando a uma representação gráfica que se assemelha a uma "rosa dos ventos", e nas pontas das flechas desenhadas, insere meia-luas côncavas em vermelho.

Participante: Posso me sentir assim também, além do fundo preto - diz ela ao me mostrar a produção, demonstrando outro humor, diferente do humor apresentado inicialmente na atividade.

Nesse sentido, vejo como a compreensão das oficinas arte-educativas, com alicerces nas contribuições teóricas da Abordagem Triangular (Barbosa, 2014), indica consolidação das experiências e apropriação das produções ao territorializar as propostas nas vivências dos participantes, entendendo a territorialização como um processo de retomada em valorização das experiências vividas em territórios de origem, distanciando assim de referências restritas a reprodução de conteúdos eurocentrados. Essa conduta em processos criativos imbrica com perspectivas de desobediência epistêmica (Mignolo, 2008), que também encontram consonâncias em Frantz Fanon:

No plano das artes plásticas, por exemplo, o criador colonizado, que quer produzir obra nacional a qualquer custo, restringe-se a uma reprodução estereotipada dos detalhes. Os artistas que, no entanto, aprofundaram as técnicas modernas e participaram das grandes correntes da pintura ou da arquitetura contemporânea dão as costas, contestam a cultura estrangeira e, partindo em busca do verdadeiro nacional, privilegiam o que acreditam ser as constantes de uma arte nacional. (Fanon, 2022, p. 225).

Nessa perspectiva, é composta a compreensão que a Artisticidade, conceito que se produz nas experiências dos pesquisadores no N'Me, extrapola muros acadêmicos, antes mesmo de ser nomeada e conceituada, a partir das narrativas e práticas, vivenciadas em Artecompostagem, tornando-se apoio para o pesquisar em Artes, podendo também fomentar a geração de identidades de grupos, pela instauração e desenvolvimento de grupalidade, no qual se acolhe Diversidade Cultural e fortalece noções de pertencimento.

No contexto das oficinas arte-educativas, a Artisticidade como campo fértil e também corpo sem órgãos, para o desenvolvimento de produções artísticas desejantes, em dinâmicas afirmativas, devido serem produções inseridas em contextos de serviços de saúde, desejando não serem inseridas nesses espaços, extrapolando para outras vivências e transformações.

Por meio da Abordagem Triangular (Barbosa, 1995), é proposto que nas oficinas sejam trabalhados os conceitos estéticos, históricos e críticos dos participantes nas suas produções, independente da temática e linguagem artísticas oferecidas. A Artisticidade seria então a nomeação de um potencial artístico, implicado em produções que traduzam, fora do campo da comunicação falada ou da escrita descritiva, as perspectivas de mundo e criação dos participantes das oficinas. Dessa forma, sua aplicabilidade se dá a partir do seguinte conjunto de fatores: uma facilitação com orientações para produções artísticas baseada em perspectiva decolonial; acolhimento para a Diversidade Cultural apresentada pelos participantes das oficinas arte-educativas; direcionamento para desenvolvimento de ciclos de produção artística que resultem em produtos finais conectados aos participantes, seus contextos e suas expressividades.

Essas experiências podem ser compreendidas como rizomas, que se imbricam e ramificam, alcançando outros territórios nos quais a nomeação dos processos de produção de subjetividade em Artes tornam-se exercício e realidade vivida.

Há rupturas com pensamentos hegemônicos eurocentralizados, dentro das oficinas arte-educativas, que evidenciam o potencial crítico decolonizado, trazendo tensões para instaurar práticas artísticas transformadoras de realidades sociais, como no segundo semestre de 2019, quando em uma grande roda, familiares, usuários dos serviços da rede e profissionais se unem, em uma oficina voltada para jovens com deficiência intelectual, evidenciando a potência de integração social nas Danças Circulares, baseada em passos de Ijexá, que se executam em homenagem ao orixá Oxalá, criador da humanidade nas religiões de matrizes africanas. Também se compreende potências para transformação social quando se materializa a horizontalidade entre pessoas em situação de rua, municipais e familiares de usuários dos serviços, a partir da construção de grandes tecidos, "colchas de retalhos", que podem ser peças cenográficas, backdrops, compostos por obras individuais envolvendo tingimento em tecido, pintura em guache e leituras de mundo, impressas no processo criativo, atividade esta realizada ao longo do ano de 2023.

Nesse sentido, a Artisticidade se faz na prática vivencial, em construções coletivas, na produção de subjetividade, que combate naturalmente o preciosismo artístico para vivências em Artes, trazendo criações artísticas e sociais para seus próprios criadores, participantes das

oficinas arte-educativas, artistas que passam a desejar em Artes, se autnomeiam e se reconhecem entre si como sujeitos das Artes, comunicando ao mundo, empoderados pelas formações coletivas, a importância de suas existências singulares e artísticas.

5 ENSAIO 03 - DIVERSIDADE CULTURAL

A Diversidade Cultural compõe os movimentos no processo de pesquisa para ampliação teórica das vivências observadas, compreendendo o potencial artístico nos acontecimentos arte-educativos, vividas em minhas experiências narradas como facilitador/agenciador/arte-educador/psicólogo/pesquisador, junto aos usuários dos serviços da rede, do território de Capela do Socorro. Com isso, elaboram-se os encontros nas oficinas-arte educativas a partir de conceituações decoloniais, encontrando nas contribuições de Frantz Omar Fanon (2020; 2022) eixo teórico decolonial, ramificando para apontamentos trazidos por Aracy Almeida Amaral (2006) e Walter D. Mignolo (2018). Essas contribuições apoiam o realce das vivências junto aos participantes das oficinas, que apresentaram uma importante diversidade de perspectivas artístico-culturais, devido suas singularidades e identidades territoriais.

Para a realização de atividades artísticas, em perspectivas decoloniais, é preconizado que as construções de identidades culturais, pertencentes aos contextos das oficinas sejam evidenciadas e encontrem arranjos interacionais potentes, por meio das propostas artísticas (Barbosa, 2014). Na expressividade em Artes encontram-se possibilidades e potencialidades para a composição de repertório simbólico que geram identificações (Amaral, 2006). Entretanto, as categorizações e conceituações, criadas em contextos academicistas, construídas para analisar e incorporar experiências identitárias, são sistematizadas para fins epistemológicos, por vezes se distanciando dos campos da realidade. As experiências culturais e artísticas são perpassadas pelas dinâmicas político-econômicas e socioculturais, em alto dinamismo, trazendo marginalização e relações de poder para experiências desviantes dos grupos colonizadores e dominantes (Fanon, 2022). Nesse sentido, as oficinas arte-educativas são oportunidades insurgentes e subversivas de expressividade artístico-cultural e agenciamentos sociais de populações marginalizadas.

É necessário retomar que discussões decoloniais, orientadas pela valorização da Diversidade Cultural, são urgentes e convocam reflexões, buscando evidenciar produções artístico-culturais territorializadas, e manifestações singulares e coletivas de práticas em Arte e Cultura, que sejam dissidentes da indústria cultural global, regida por dinâmicas político-econômicas reforçadoras das desigualdades sociais (Mignolo, 2018). Assim, encontramos demandas para associações, agrupamentos entre pares e coletivos, na busca por fortalecimento diante das avassaladoras ações do capitalismo. Nesse sentido, é possível

destacar cenários ampliados sobre território e narrativas que se beneficiam de condutas decoloniais, o que traz luz sobre a questão latino-americana, revelando possibilidades para uma consolidação de grupos que se aproximam por sua conteúdo histórico, territórios culturais e lutas emancipatórias (Amaral, 2006).

Viver a Diversidade Cultural nas oficinas, trazendo condutas decoloniais para os olhares e propostas dos facilitadores e oferecendo essa visão de mundo para os participantes permitiu evidenciar trajetórias singulares e de alto teor territorializado. Foram percebidas expressividades diversas como tradições dos povos da terra; conteúdos de regiões do interior de estados do norte e nordeste brasileiro; estéticas periféricas, envolvendo ocupação dos espaços urbanos; presença de elementos musicais, como Rap, Hip Hop, Samba, Funk Brasileiro, Forró e suas derivações. Também no campo das Artes Visuais, foram notadas expressões gráficas dissidentes das grandes escolas artísticas europeias, propondo insurgências em grafismos, colorações e formas, repletas de afetividade e questões socioeconômicas.

Para visualizar e tentar viver essas experiências por meio da leitura, retomo aqui atividades de expressão gráfica, realizadas no segundo semestre de 2023, nas quais as estética do grafite urbano, da Arte Naif⁹ e das produções artísticas do ateliê do Museu das Imagens do Inconsciente, instituição criada por Nise da Silveira (Dionísio, 2001), foram referências ofertadas facilitadores das oficinas, sem pretensões de depositar conhecimentos sobre essas vertentes, mas sim estimular visualmente releituras e conexões com as referências artísticas próprias dos participantes das oficinas.

Nesse ciclo de atividades em Artes Visuais, a proposta foi resgate de memórias afetivas, pelo uso de fotografias e colagens, com intervenções gráficas nas composições em Artes Visuais, como desenhos livres com guache, lápis de cor e canetas hidrográficas. Essas propostas oferecidas resultaram em produções artísticas que reivindicaram, em poíesis singulares e coletivas, o direito à Memória e ao acesso à cidade, problematizando as vivências na periferia, mergulhada em referências artístico-culturais marginalizadas. Nessas experiências, foram vivenciadas possibilidades de reinventar histórias, de efetivar fortalecimento de conexões junto a conteúdos territorializados, humanizar todos os integrantes da oficina, realçando suas emoções, identificações e potências para formações grupais que extrapolam a proposta arte-educativa em si.

Nesse sentido, as experiências descritas também demandam pesquisa histórica para evidenciar as conexões estruturais com as institucionais, compreendendo que as oficinas

⁹ Arte Naif refere-se a produção de artistas que não possuem experiência acadêmica em Artes (PEREIRA, 2020).

sempre foram ofertadas em espaços públicos, com gestões públicas, que são diretamente afetadas pelas concepções históricas vigentes. Ressaltam-se então as conferências, os encontros e tratados da ONU/UNESCO¹⁰ para a efetivação dos direitos culturais e promoção de cidadania. Dessa forma, mirando a realidade latino-americana, discutida a partir dos anos 1970 até a atualidade, nos últimos 10 anos os direitos culturais e a urgência pela valorização da Diversidade Cultural têm sido discussões sistematizadas e conceituadas, com base na compreensão da Cultura como eixo organizador das políticas de Estado, devido seu caráter transdisciplinar e intersetorial. Como exemplificação, enumeram-se algumas conquistas legislativas pactuadas internacionalmente como o Direito à identidade e à diversidade cultural; o Direito à participação na vida cultural; o Direito/dever de cooperação cultural internacional (Brasil, 2011).

No exercício da Diversidade Cultural, encontra-se posturas subversivas e insurgentes a práticas de controle segregacionistas, vetores operantes que sintetizam microfísicas do poder (Foucault, 2012), impostas com pretensões ditas infalíveis para normatização dos corpos e suas corporeidades, em função de uma hegemonia colonizadora europeia.

O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido a seu nascimento; ele se torna uma maquinaria de que ninguém é titular. Logicamente, nessa máquina, ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. De modo que eles podem assegurar uma dominação de classe, à medida que dissociam o poder do domínio individual. (Foucault, 2012, p. 332).

Nesse contexto, a garantia de estimulação para a expressividade artística nas oficinas arte-educativas, orientadas pela Diversidade Cultural, se favorecem em sua efetivação nos encontros e produções artísticas devido perspectivas metodológicas que acolhem narrativas e experiências vividas, considerando os participantes em geral das oficinas, o que é estruturado em abordagens cartográficas (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) e pensamento decolonial (Fanon, 2022).

Não basta se reunir com o povo nesse passado no qual ele não está mais, mas nesse movimento oscilante que ele acaba de esboçar e a partir do qual subitamente tudo vai ser questionado. É necessário que sigamos para esse lugar de desequilíbrio oculto em que o povo se mantém, porque, não duvidemos, é ali que em sua alma se cristaliza e que sua percepção e sua respiração se iluminam. (Fanon, 2022, p. 227-228).

¹⁰ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada da Organização das Nações Unidas (ONU) na implementação da cultura de paz global. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>.

Tais contribuições e, principalmente, o alinhamento entre condutas arte-educativas emancipatórias dos facilitadores, conectadas aos participantes engajados e apropriados dos encontros das oficinas, nos garante campo de produção de conhecimento rico para construção de perspectivas que realizem a manutenção teórica e propositiva de espaços coletivos de produção de subjetividade em práticas artísticas, como insurgências de grupalidades, tensionamento estético e abertura para transformações micro e macro territoriais. Isto é, a materialização e humanização de produções em Artes que não se encerram em si, mas sim apresentam expressividades artísticas diversas ao mundo e se fortalecem entre si a partir de narrativas que inauguram espaços para suas existências, em meio a todas as pressões opositoras e dominantes.

Como no processo de composições em Tie-Dye e pinturas em guache, para a criação dos grandes tecidos, desenvolvido ao longo do ano de 2023, onde cada participante nas oficinas arte-educativas se apropriou de si, de suas histórias e referências pessoais artísticas, entrou em contato com os materiais dispostos, se indagou e se certificou da comunicação a se estabelecer entre si, a produção artística e o grupo, os processos de valorização da Diversidade Cultural nos trouxeram percepções materiais sobre a importância da subversão epistêmica, buscando afirmação cultural territorializada nas práticas dos participantes-artistas, como um direito acessado. Nas palavras de Aracy Amaral, *"Assim, acreditamos que, no caso do Brasil, só emergimos quando identificarmos nossos valores, reconhecendo-os, sem a espera da chancela do exterior."* (Amaral, 2006, p. 39).

Figura 3 - Composição de tecidos tingidos em Tie-Dye e pintados com guache, produzidos em oficinas arte-educativas, que ocorreram em serviço público de Saúde Mental, na cidade de São Paulo, em 2023.



Fonte: Cláudio Henrique Lira da Silva (2021), arquivo pessoal.

A perspectiva decolonial (Fanon, 2022) se apresenta então como conceituação político-teórica, indicando transformação do paradigma da produção de conhecimento que descentraliza as epistemologias eurocentralizadas, para valorização da Diversidade Cultural que contemple as identidades territoriais, incluindo as dinâmicas das comunidades das regiões metropolitanas, os saberes dos povos originários, a oralidade na fruição cultural, os cenários socioculturais e a singularidades, presentes nas narrativas dos atores sociais (Amaral, 2006).

Dessa forma, emerge como componente estrutural para a metodologia das oficinas arte-educativas a Diversidade Cultural, evidenciando o compromisso libertário de fortalecimento da autonomia na produção artística, desenvolvidas em contextos coletivos, de acolhimento e garantia de acesso a dispositivos artísticos-culturais, reforçando a importância das lutas de classes, no combate às desigualdades sociais, sustentando assim perspectivas de transformação social.

Vale ressaltar que, para as experiências das oficinas arte-educativas, as considerações de Amaral (2006) e Fanon (2022) são tensionadas entre si e dialogadas, a fim de estabelecer perspectivas contemporâneas que incorporem discussões importantes sobre questões sociais, latino-americanidades, relações étnico-raciais, gênero e epistemologias de coloniais em Arte e Cultura. Na presença dos participantes, diante de suas produções artísticas e de seus processos

criativos, apontam-se para a importância da convivência e relações interpessoais em Artes, construída a partir de experiências que contemplem as mais diversas singularidades, mitigando ocorrências de violência e reforçamento de disputas, regidas por hierarquizações entre os participantes, impostas pelo poder de consumo.

A Diversidade Cultural seria então o conceito que materializa as oficinas arte-educativas pesquisadas, pois por meio de seu escopo é possível vivenciar as experiências e produções das oficinas, seguindo a abordagem decolonial e valorização das expressividades singulares, derivadas das narrativas e perspectivas de mundo dos participantes das oficinas. As implicações da Diversidade Cultural favorecem desobediências epistêmicas (Mignolo, 2018), entregando conteúdos artísticos e possibilidades de agenciamentos em Artisticidade para os participantes e facilitadores a fim de concretizar experiências artístico-culturais transformadoras e potencializadoras.

Entender a perspectiva decolonial (Fanon, 2022) e a abordagem cartográfica (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009) para a produção de metodologia, com alicerces nas produções artísticas e vivências coletivas, entrega uma compreensão sobre esses agenciamentos que favorecem a expressão e manutenção da Diversidade Cultural, desenvolvendo posturas epistêmicas e criativas que permitam conexões entre participante das oficinas com os acontecimentos artístico-culturais, fomentados pelos facilitadores dos encontros. É um desnudar-se teórico-vivencial para provar vestimentas próprias, roupagens estas que são alvos de sanções convencionadas entre grupos político-sociais dominantes. Porém, por meio das grupalidades formadas nos processos criativos identificados, ocorridos nos encontros das oficinas arte-educativas, ocorrem dissidências com teorias consolidadas, resultando em formas de viver genuínas e verdadeiramente expressivas.

6 ENSAIO 04 - PERTENCIMENTO

O Pertencimento se inaugura nos processos vivenciais e de pesquisa das oficinas arte-educativas, realizadas no território de Capela do Socorro, também como conceito emergente às dinâmicas estabelecidas entre os participantes, suas produções e contextos de vida.

Retomo aqui uma experiência vivida em parque público do território de Capela, no primeiro semestre de 2019, na qual um grupo formado por 10 pessoas adultas, dos gêneros masculino e feminino, contando com a presença de idosos, todos marcados pela deficiência intelectual em diversos níveis de comprometimento de sua autonomia para as atividades de vida diária. Junto a esses participantes, 6 profissionais especializados em reabilitação intelectual, entre os quais eu me encontrava, acompanhavam e propunham a realização da produção de “Parangolés”¹¹. Esta atividade consiste na produção e utilização de túnicas e vestimentas artesanais coloridas, criadas com materiais arte-educativos, reciclados e elementos da natureza/ambiente. O objetivo da oficina consistiu em realizar vivências em jogos teatrais, Danças Circulares e improvisação corporal, experiências acompanhadas por registros audiovisuais e música. A metodologia usada contou com adaptações para o manuseio dos materiais, diante de algumas limitações físicas e intelectuais dos participantes, e centrou a experiência nas preferências artístico-culturais dos integrantes do grupo.

Foi possível observar que a oficina descrita, a convivência entre integrantes do grupo e munícipes no espaço público, que ocupavam livremente o parque durante as atividades da oficina, geraram uma orgânica coloração e transformação do espaço, nas quais ações afirmativas para populações marginalizadas e convivências inclusivas, não se apresentavam enquanto teorias ou condutas delimitadas pelos facilitadores da oficina, mas sim se instauraram uma convivência harmônica entre a oficina e o espaço público. E, por meio dos registros audiovisuais, também foi possível problematizar, considerando a atividade em enquadrada e recortada no tempo, algo que acontecia quando a convivência, a produção artística e a expressividade se fazia permitidas: energia para os olhares do facilitadores, e daqueles mais sensíveis ao observar a experiência, o conceito de Pertencimento, inaugurado ali e instaurando que todos presentes pertencem àquela experiência, tempo e espaço, de forma afetiva e subversiva às dinâmicas triviais daquele parque, comumente habitado por pessoas da comunidade ou pequenos grupos comunitários centradas em suas próprias experiências.

¹¹ Método de produção artística para ocupação de espaços públicos, desenvolvido por Hélio Oiticica (OITICICA, 2010).

Nesse relato, as experiências em Artes indicaram abertura para estabelecer Pertencimento, por se apresentarem como formas genuínas e livres de pertencer a um contexto social, em produções criativas. Essas práticas tensionam e revogam imposições político-econômicas, inicialmente de forma localizada, rompendo com dinâmicas de consumo exacerbado e do Capital, o que efetiva sua subversões afetivas e fortalecem tomadas de consciência políticas.

Observa-se a incorporação das Artes nos processos de desenvolvimento do mundo moderno e das desenfreadas dinâmicas político-econômicas, estruturadas pelas disputas de poder, por vezes transformando as expressões artísticas em mecanismos de dominação e contestação do status quo.

A subversão observada nas práticas arte-educativas nas oficinas pesquisadas, configura produções compreendidas em territorialidade e expressividade, pela execução das práticas e extrapolação das experiências arte-educativas para contextos fora das oficinas, em convivências comunitárias, que podem gerar discussões e produções decoloniais, nas quais as práticas em Artes podem atingir aspectos de emancipação, desnaturalizar supostos saberes academicistas discriminatórios de dinâmicas sociais, favorecer novas posturas de ensino e pesquisa, potencializar a consolidação da alteridade, garantir a não linearidade na produção de conhecimento e o tensionamentos das hegemonias (Lander, 2000).

As vivências da oficinas arte-educativas entram consonância conceitual ao observarmos os processos do potencial artístico dos participantes, a Artisticidade, evidenciando e acolhendo a Diversidade Cultural de suas linguagens e seus históricos, criando assim o campo fértil para a conceituação e vivência do Pertencimento. Essa conjuntura conceitual, que pode apontar o Pertencimento enquanto dinamismo físico e subjetivo, também direciona reflexões para a ampliação da Artisticidade em Cidadania Cultural, que as singularidades dos grupos étnicos, enquanto enriquecimento cultural para leituras de mundo (Chauí, 2006).

Nesse sentido, a Interculturalidade (Candau, 2012) também é evocada para potencializar as reflexões sobre o Pertencimento, oriundo de práticas artístico-culturais, que valorizem a Diversidade Cultural e a Artisticidade. Pelas conexões culturais, é possível observar a coexistência de práticas culturais, interligadas em fluxos e trocas, sem pretensões de sobreposições conceituais, e sim pela integralidade de suas ações compartilhadas (Canclini, 2008). Dessa forma, ocorrem validações epistemológicas do conceito de Interculturalidade nas oficinas arte-educativas, por meio da proposta de assumir uma tríade teórica, formada

pelos conceitos Cidadania Cultural, Territorialidade e Participação Social, conceitos encontrados nas contribuições teórico-vivenciais referenciadas aqui, como força motriz de propostas de pesquisa-ação, o que permite materializar a efetivação dos direitos culturais, fora de perspectivas normatizadoras e opressoras (Chauí, 2006), em campos materiais e subjetivos de reconhecimento interpessoal e pertencimento sócio-histórico (Saquet, 2007).

Tais perspectivas teóricas se estabelecem com o objetivo de fomentar reflexões que vão de encontro às vivências experienciadas nas oficinas arte-educativas, mantendo acesas compreensões estruturais sobre as dinâmicas socioeconômicas, transversais às oficinas. Em condutas decoloniais e de expressividade coletiva, encontram-se perspectivas libertárias e de fortalecimento, percebidas nos encontros e produções artísticas observadas, questionadoras de processos normatizadores. Em Fanon (2022), entendemos que:

No plano do inconsciente, o colonialismo não procurava, portanto, ser percebido pelo nativo como uma mãe afetuosa e benfazeja que protege a criança de um ambiente hostil, mas como uma mãe que, sem cessar, impede a criança, fundamentalmente perversa, de conseguir se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos. A mãe colonial protege a criança contra ela mesma, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, seu infortúnio ontológico. (Fanon, 2022, p. 212).

Dessa forma, as propostas das oficinas arte-educativas são recursos importantes e eficazes de tensionamento contra relações de poder. Essas relações de dominação estão historicamente oprimido povos colonizados não-europeus, mesmo após processos de independência político-econômica, exercendo seu poder e influência por meio intelectuais e culturais. As práticas exploratórias e de esvaziamento de identidades culturais territorializadas passam a ser mecanismos importantes para a manutenção do poder eurocentralizado. Para operar as relações de dominação dos povos, sistematicamente, os colonizadores se organizam em ações ininterruptas para impedir práticas emancipatórias em todas as áreas do conhecimento. Entretanto, é exatamente pelas vivências e pesquisas em Artes que são encontradas possibilidades de construção de recursos e campos contundentes para gerar movimentos territoriais e grupais, capazes de manter tensionamentos para interconectar experiências culturais e combater hegemonias, possibilitando formações de Pertencimento entre os grupos marginalizados, nos territórios onde há disputa para existir. Fanon (2022) destaca a importância de toda e qualquer ação subversiva às práticas colonizadoras:

Esse movimento difícil e doloroso é, no entanto, necessário. Quando ele não se realiza, ocorrem mutilações psicoafetivas extremamente graves. Pessoas sem lugar fixo, sem limite, sem cor, apátridas, desenraizadas, anjos. (Fanon, 2022, p. 219).

Além dos processos de fortalecimento de tomada de consciência política, o conceito de Pertencimento também indica percepções afetivas, vivenciadas nas experiências interpessoais, durante os processos criativos dos participantes das oficinas. Na perspectiva de povos colonizados, para os usuários da rede de serviços do território da Capela do Socorro e em conjuntos sociais brasileiros diversos, condutas emancipatórias dependem de afetos e militâncias que podem, inicialmente, serem artísticas, vivenciais, em coletivo, com propósitos de transformação social, distantes de um mero pertencimento que acaba em si mesmo. Nesse sentido, os ciclos de encontros vivenciados para experimentar métodos artísticos resultaram em produções coletivas territorializadas, politizadas e afetivas, para o desenvolvimento de potências artísticas reais, instaurando as iniciativas artístico-culturais como bem comum, o que conecta a compreensão em Fanon (2022) sobre a militância em Artes:

A cultura nacional é o conjunto dos esforços feitos por um povo no plano do pensamento, para descrever, justificar e louvar a ação através da qual o povo se constituiu e se manteve. A cultura nacional, nos países subdesenvolvidos, deve, portanto, se situar no centro mesmo da luta de libertação empreendida por esses países. (Fanon, 2022, p. 235).

A conjuntura envolvendo Pertencimento, Artisticidade e a Diversidade Cultural, indicam campo fértil para a realização das oficinas arte-educativas em toda sua amplitude de objetivos primários e paralelos, corroborando para a efetivação de práticas emancipatórias (Fanon, 2022), que rege a oferta das oficinas nos contextos onde ocorreram, espaços públicos garantidos por políticas públicas sociais. Pois conectar-se às práticas em Direitos Humanos, nas quais Pertencer não envolve apenas a confluência de identidades territorializadas, é fruição de conhecimento produzido de forma participativa, podendo assumir efeitos retroativos nos contextos onde as experiências foram realizadas.

Há felicidade em reconhecer-se parte de um coletivo que produz para o mundo. E na perpetuação de práticas de Pertencimento e Diversidade Cultural, voltadas à produção artística, encontra-se fortalecimento de narrativas marginalizadas, trazendo uma estética de rompimento com dominações e hegemonias.

Dessa forma, compreende-se que o Pertencimento emerge junto à compreensão sobre o potencial das oficinas arte-educativas como ações de inclusão e promoção de Bem Estar. Pois, ao falar da minha experiência com oficinas artísticas e terapêuticas, foi possível localizar que a abordagem das questões sociais que envolvem luta de classes, gênero e relações

étnico-raciais, instituições sociais seriam estruturas importantes para as vivências nas oficinas. Portanto, proporcionar espaços de produção em Artes, de forma individual e coletiva, evidenciando possibilidades de construção de trocas de experiências, pautadas em Diversidade Cultural e valorização das singularidades, é viabilizar entendimentos coletivos sobre coexistências, e assim ser afetado pela materialidade presente na relação entre produzir em Artes e pertencer, de forma sensível e compartilhada.

Figura 4 - Mostra de painel com estudos de Arte Abstrata, realizados em oficinas arte-educativas de um serviço de Saúde Mental, do território de Capela do Socorro. São Paulo, 2023.



Fonte: Cláudio Henrique Lira da Silva (2021), arquivo pessoal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conceituações que sustentaram a trajetória de pesquisa entendem as lutas emancipatórias como forma de efetivação e valorização das identidades territorializadas, propondo conexões entre os saberes populares em tensionamentos com as correntes acadêmicas já consolidadas. Esse posicionamento se revela como conduta político-cultural, a favor da Diversidade Cultural, onde a intersectorialidade deixa de ser meramente uma constatação conceitual, por vezes inacessível a determinados espaços sociais, e passa a ser tomada de consciência, otimização de recursos contemporâneos e decisão de corporeidade.

Ao produzir conhecimento na academia, busquei tensionar as questões que emergiram em minha prática como psicólogo/arte-educador, que se tornou um fazer artístico como pesquisador/agenciador, imerso em possibilidades de vivenciar experiências criativas junto aos integrantes das oficinas arte-educativas. Foi possível acessar determinantes sociais, marcadores resultantes da luta de classes, entre pessoas que desenhavam, escreviam e expressavam suas subjetividades, produzindo novos corpos e encontros. Não se buscou reafirmar minhas conclusões sobre potencialidades na produção artística, mas sim compreender nas incertezas dos encontros, continuidades para minha pesquisa em Artes que anunciassem características do território onde estávamos durante nossas práticas e ressignificassem nossas trajetórias, a fim de desenvolver novos questionamentos e, conseqüentemente, movimento.

As oficinas arte-educativas, realizadas no território de Capela do Socorro e suas produções artístico-culturais, são discutidas como iniciativas coletivas a serem fortalecidas e perpetuadas, delimitadas por suas características atreladas aos Direitos Culturais, devido sua preconização em políticas públicas para garantia de acesso pela população. O fazer artístico insitucionalizado para atender grupos, formados por cidadãos, se apresenta enquanto conquistas sociais históricas, demarcando discussões sobre acesso a direitos civis (liberdade em relação ao Estado) pela produção artística contestadora, em contato com a Diversidade Cultural; expressividade de direitos políticos (liberdade no Estado); garantia de direitos sociais (liberdade por meio do Estado) associada a realização de práticas previstas em portarias que regulam as instituições (Brasil, 2011).

Isso resulta em abertura para novas reflexões e pesquisas a respeito de aprofundamento de outras experiências em Artes, estruturadas em Pertencimento, Diversidade Cultural e Artisticidade, bem como para discussões sobre políticas públicas culturais

territorializadas, que podem se conectar pela interculturalidade, assumindo compromisso social politizado.

Nesse sentido, a produção de conhecimento em Artes, desenvolvida aqui a partir de experiências em Arte-Educação, estruturada em pesquisa decolonial, composto por narrativas dos processos do agenciador/psicólogo/pesquisador/arte-educador, alinha-se a perspectivas históricas e de igualdade social, para colaborar com a delimitação de evidências sobre a importância das Artes enquanto área de conhecimento para além do desenvolvimento de técnicas e métodos, evidenciando contribuições para problematizar e fomentar propostas para novas leituras das questões sociais e formulação de políticas públicas.

Como tecnologias leves, as vivências coletivas em Artes, convocadas pelos processos de pesquisa e experiências das oficinas arte-educativas, englobaram os encontros, as linguagens artísticas, as produções das oficinas e percepções dos participantes sobre si e o mundo, partindo das propostas de vivências emancipatórias em Artes. Dessa forma, vieram a tona conteúdos de ação afirmativa para potentes para o desenvolvimento de pesquisas e elaborações em políticas públicas, que assegurem a manutenção das práticas arte-educativas, compreendendo que as experiências estéticas, coletivas e contextualizadas, se firmam como aliados a processos de transformação de territórios e narrativas.

Dessa forma, o que se resulta da pesquisa realizada entrega conteúdos materiais e subjetivos sobre vivências e produções em Artes, compreendendo que os integrantes nas oficinas arte-educativas não são artistas letrados nas grandes escolas artísticas europeias a serem desconstruídos pelas perspectivas decoloniais, muito menos são artistas já conscientes da desobediência epistêmica necessária para a produção em Artes territorializada e decolonial. Entretanto, habita na vivência de cada usuário da rede de serviços de políticas públicas uma plena compreensão sobre seus processos de marginalização, impostos por dinâmicas segregacionistas, o que também forma os facilitadores em seus posicionamentos como proponentes de atividades, subvertendo assim lógicas hierárquicas para os processos criativos e organizações politizadas coletivas.

O estudo realizado amplia horizontes para aprofundamentos em outros territórios, com suas singularidades, para compreender suas linguagens artísticas marginalizadas pelo eurocentrismo, porém subversivas e belas em novas estéticas e vivências transformadoras, que emergem exigindo e fazendo espaços de Pertencimento e Diversidade Cultural, como as oficinas arte-educativas, desenvolvidas no território de Capela do Socorro. Esse cenário que se anuncia é motivador para continuidade de pesquisas ampliadas, podendo assim desenvolver

pesquisas que tragam contribuições para as áreas de Direitos Humanos, Arte e Cultura. Encontra-se então potência para expansão epistemológica, compromisso com a fruição de conhecimento e ampliação das possibilidades de produção artística aqui apontadas. Ou seja, potencializar as Artes na singularidade e no coletivo, valorizar expressões artísticas e da Artisticidade na sua Diversidade Cultural, criando campos afetivo-políticos de Pertencimento, é propor transformações libertárias e agenciadoras, que podem encontrar semelhanças entre pares geopolíticos identificados entre si, pelas identidades culturais, históricas e políticas-sociais, e continuidades potentes para novos projetos emancipatórios para populações marginalizadas e suas experiências conceituais, estéticas e políticas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy Abreu. Arte da América Latina: questionamentos sobre a discriminação. *In: AMARAL Aracy Abreu. Textos do Trópico de Capricórnio: artigos e ensaios (1980 - 2005) - Vol. 2: Circuito de arte na América Latina e no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 35-42.*
- BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. *In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Ensino de Arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 1-26.*
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. **Comunicação & Educação**; [s. l.], n. 2, p. 59–64, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p59-64>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Pista 3 - Cartografar é acompanhar processo. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.* Disponível em: <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Conselho Nacional de Política Cultural. **Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura.** Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2011. 108 p. Disponível em: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/77/13664026981632700845.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 793, de 24 de abril de 2012.** Rede de cuidados à pessoa com deficiência no âmbito do sistema único de saúde, em 24 de Abril de 2012. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia/re-de-de-cuidados-a-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 835/GM/MS, de 25 de abril de 2012.** Institui incentivos financeiros de investimento e de custeio para o Componente Atenção Especializada da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0835_25_04_2012.html. Acesso em: 15 out. 2023.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas.** Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 2019.
- CANCLINI, Néstor García. Introducción: Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latino-americano. *In: CANCLINI, Néstor García (ed.). Políticas Culturales en América Latina.* Miguel Hidalgo (México): Editorial Grijalbo, 1987. p. 13-21.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *In: Revista Educação e Sociedade*; [s. l.], v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000100015>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural - Relato de uma experiência institucional. *In: CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 85-135.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. 128 p.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. 144 p.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. 200 p.

DIONÍSIO, Gustavo Henrique. Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história. **Psicologia: ciência e profissão**; [s. l.], v. 21, n. 3, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932001000300005>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FANON, Frantz. Sobre a cultura nacional. *In: FANON, Frantz. Os condenados da terra*. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 205-249.

FOUCAULT, Michel. O olho do poder. *In: Microfísica do poder*. Organização Roberto Machado. 25. ed. São Paulo, SP: Edições Graal, 2013. p 318-343.

LANDER, Edgardo. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntrico. *In: LANDER, Edgardo (org). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Argentina, 2005. p. 4-23. (Colección Sur Sur). Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100708034410/lander.pdf>. Acesso em: 04. jul. 2024.

LIMA, L. P. B. et al. O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do estado no campo da cultura. *In: UNESCO. IV Seminário Internacional de Políticas Culturais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013. 17 p. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/o-que-sao-as-politicas-culturais.pdf>. Acesso em: 25. mar. 2024.

MERHY, Emeron Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005. 192 p.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**; [s. l.] n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em:

<https://scholar.google.pt/citations?user=PW8f7ZcAAAAJ&hl=pt-PT>. Acesso em: 19 jun. 2024.

OLIVEIRA, Danilo Junior. Marco Institucional para as políticas culturais no Brasil: o Sistema Nacional de Cultura. *In: VASCONCELOS-OLIVEIRA, M. C. (org.). Políticas públicas de cultura*. São Paulo: Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo, 2016, p. 23-30. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Pol%C3%ADticas-pu-blicas-de-cultura.pdf. Acesso em: 07 jul. 2024.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Apresentação. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16. Disponível em: <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.

PEREIRA, Cledir Rocha. Et al. Arte Naif: conhecimento, beleza e vivência com ênfase na arte de Adriano Dias. *In: Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, [s. l.] ano 5, v. 5, n. 8, p. 5-24, 2020*. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/arte-naif>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SALORT, Rámon Cabrera. Abordaje Triangular desde un Episteme Decolonial. *Revista Gearte*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 181 - 191, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/76139>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. *Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 43, 2007. p 55-76. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAÚJO, Emanuel (org.). **Os mágicos olhos das Américas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo [IMESP], 2010. 352 p.

CASTRO, Cássia Navas Alves de. **Imagens da dança em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Centro Cultural São Paulo, 1987. 287 p.

DEBURU - Força pro Maracatu | Ep1. Olhares sobre a história e a cultura do maracatu nação. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (15:41 min). Publicado pelo canal Sesc Campo Limpo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=AR5MgRVi5SE & t=4s](https://www.youtube.com/watch?v=AR5MgRVi5SE&t=4s). Acesso em: 10 fev. 2023.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 320 p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 288 p.

GABRIEL, Ademir Lopes. **Xilogravura Como Expressão Da Cultura Popular**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Aberta do Brasil, Universidade de Brasília. Posse, Goiás. 2012. 59 p. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5690/1/2012_AdemirLopesGabriel.pdf. Acesso em: 14 jul. 2024.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 21, n. 10, p. 3265 - 3276, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>. Acesso em: 05 out. 2023.

OITICICA, Hélio. **Hélio Oiticica: Museu é o mundo**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010. 200 p.

ROLNIK, Suely. **Deleuze, Esquizoanalista**. São Paulo, 1995. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TURINO, Célio. **Cultura a unir os povos: a arte do encontro**. São Paulo: Instituto Olga Kós de Inclusão Cultural, 2017. 286 p.